



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA

O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DE VALORES HUMANOS

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA
2023

CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA

**O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DE VALORES HUMANOS**

Dissertação de Mestrado Profissional em Letras
– PROFLETRAS do Departamento de Ciências
Humanas, *Campus V*, da Universidade do
Estado da Bahia, como requisito para obtenção
do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho
Fiorindo.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CRB-5/1218

Dados fornecidos pelo autor

Silva, Cristiane Rosa Moreira

O teatro como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento de valores humanos / Cristiane Rosa Moreira Silva . – Santo Antônio de Jesus, 2023.

107 fls. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.
Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – (PROFLETRAS),
Campus V. 2023.

FOLHA DE APROVAÇÃO

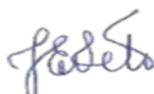
"O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE VALORES HUMANOS"

CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Letras –
PROFLETRAS, em 8 de dezembro de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestra em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca
Examinadora:



Prof.^a Dr.^a PRISCILA PEIXINHO FIORINDO
UNEB
Doutorado em Linguística
Universidade de São Paulo



Prof. Dr. JOÃO EVANGELISTA DO NASCIMENTO NETO
UNEB
Doutorado em Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. NEY WENDELL
UQAM
Doutorado em Artes Cênicas
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Início o meu ato de gratidão reconhecendo o amor, a graça e a misericórdia do Deus que tudo criou, é por Sua bondade e cuidado que sou presenteada todos os dias com o nascer do sol, sinalizando que tenho o privilégio de continuar narrando o enredo da minha existência. A Ele toda a minha gratidão e reverência.

À minha professora orientadora, Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo, pelo direcionamento, conhecimento e comprometimento em me ajudar durante a jornada. Sua expertise e sabedoria foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu amado esposo, Arnaldo Silva, agradeço por estar ao meu lado, mesmo nos momentos mais desafiadores. Sua paciência, compreensão e constante apoio foram fundamentais para que eu persistisse e concluísse esta etapa importante.

Aos meus pais, João Carlos e Mara Rosa, pelo amor, dedicação e por terem me ensinado o valor da determinação e da disciplina. Vocês são os heróis da minha vida.

A toda a minha família expresse minha gratidão, em especial ao meu avô, Carlos Bispo Moreira Neto (*in memoriam*), cujo exemplo e sementes de sabedoria plantadas em meu coração ajudaram-me na busca do crescimento intelectual.

À banca de qualificação, os professores doutores João Neto e Ney Wendell pela avaliação, observações e sugestões críticas que me permitiram reflexões, complementações e aprimoramento deste trabalho.

Aos professores do PROFLETRAS, meu sincero agradecimento a todos vocês. Sei que sem o apoio de cada um, não teria alcançado este marco significativo em minha jornada acadêmica.

Aos meus colegas de curso, Isabel, Meiriluce, Maria Manoela, Suliete, Rogério, Lázaro, Laize e Rita de Cássia, agradeço por compartilharem essa jornada comigo. Nossas discussões e colaboração mútua foram extremamente enriquecedoras. Aprendi muito com cada um de vocês e serei eternamente grata.

Agradeço à minha amiga, professora e atriz Joelma Gisele pelas conversas enriquecedoras, disposição e amizade. Sua sabedoria, conhecimento e paixão pelo que faz servem de inspiração a todos que convivem com você.

À Secretária de Educação do município de Jacobina, professora Alexsandra, pelo apoio e incentivo que me proporcionou, ao permitir a redução da minha carga horária, durante todo o curso.

À diretora Marileide, à vice-diretora Luziana e à coordenadora Elciane pelo suporte e colaboração. Agradeço também a todos os meus colegas professores do Colégio Elvira, cuja ajuda e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento e realização desse projeto. Em particular, gostaria de destacar a participação direta das professoras Janecléide e Suraide auxiliando os alunos para a mostra teatral.

Ao agente de portaria Gilson e ao porteiro Nezinho pela amizade e contribuição entusiasmada na encenação do texto teatral *Gentileza e a Raposa*.

Aos meus alunos do 9º ano A, agradeço imensamente pela participação durante a aplicação da proposta pedagógica. Vocês foram fundamentais para a realização deste estudo.

Agradeço à editora Usina de Textos, na pessoa da professora Palmira, pela assistência editorial na publicação do conto *O Príncipe Gentileza*.

À Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) pelo financiamento do curso, sem os recursos disponibilizados este projeto não teria sido possível.

Por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação, gratidão.

Dedico este trabalho aos meus sobrinhos, Carlos Eduardo, Alice, Melissa e Heitor, pela participação ativa no espetáculo teatral da minha existência. Vocês são atores protagonistas do meu viver.

Fiando transformação

Num recanto da Bahia, Rosa lecionava
Na literatura a magia pulsava
Entre pedras, danças no ar
Convite noturno, mistério a se revelar...

Enigmática doutora, o teatro desvendou
Valores e contos, a criatividade entregou
Na sala a magia ergueu suas asas
Alunos dançaram nas palavras em brasas

Aliados teceram ideias, fios de transformação
Poder e mudança, frutos da criação
Teatro e literatura, dançando entrelaçados
Pensamento crítico, sujeitos empoderados!

“Gentileza” visitou corações, entoou canção
Mentes estimuladas, libertas em emoção
Efeitos se espalharam com os ventos a soprar
Sede de conhecimento, agora a pulsar.

Cristiane Rosa Moreira Silva

RESUMO

Considerando o cenário da falta de progresso na aprendizagem, agravada pelo isolamento social (2020-2022) decorrente da pandemia do coronavírus, além da pouca participação em eventos culturais e artísticos e a frequente baixa autoestima dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola pública, em Jacobina/Bahia, desenvolvemos uma proposta de intervenção pedagógica, que conduziu os aprendizes à reflexão sobre valores e vícios humanos, através das artes – literatura e teatro, a fim de estimular a leitura, a escrita e a performance do corpo em cena. A presente dissertação proporcionou ao aluno vivências literárias dramatizadas, a partir de narrativa curta, reproduzida em equipes com ênfase nos valores humanos. O objetivo foi estimular a escrita narrativa a partir do conto *O Príncipe Gentileza* e dramatizar o novo enredo construído, desenvolvendo o pensamento crítico, a consciência artística, o refinamento da expressividade corporal e emocional dos alunos. Paralelamente, tais atividades contribuem para formação de sujeitos críticos, engajados socialmente na realização de projetos coletivos. O aporte teórico que sustenta a proposta está centrado, principalmente, nos seguintes autores Boal (1991), Fiorindo e Wendell (2014), Wendell (2011) que tratam a respeito do teatro; Coelho (1966) (2000) abordando o ensino de literatura; Ostrower (1990), Rogers (2009) que trazem a criatividade e o processo de criação; Kleiman (2002), Solé (1998) Koch e Elias (2008), (2012), Fiorindo (2015) que abordam a leitura e escrita; Torralba (2015), Antunes (2015) que trazem os valores humanos. Os resultados evidenciam que o teatro e a literatura desempenharam um papel significativo no aprimoramento das habilidades interpessoais e no desenvolvimento pessoal dos alunos. Acreditamos que essas experiências prepararam o terreno para o crescimento do caráter e promoveram a incorporação de valores humanos.

PALAVRAS-CHAVE: conto adaptado; teatro; valores humanos; leitura; escrita.

ABSTRACT

Considering the scenario of lack of progress in learning, aggravated by social isolation during the years 2020 to 2022 resulting from the coronavirus pandemic, in addition to little participation in cultural and artistic events and the frequent low self-esteem of students in the 9th year of Elementary School II, at a public school, in Jacobina/Bahia, we developed a proposal for a pedagogical intervention, which would lead learners to reflect on human values and vices, through the arts – literature and theater, in order to stimulate reading, writing and the performance of the body on stage. This dissertation provided the student with dramatized literary experiences, based on a short narrative, reproduced in teams with an emphasis on human values. The objective was to stimulate narrative writing based on the short story *O Príncipe Gentileza* and dramatize the new constructed plot, developing critical thinking, artistic awareness, and the refinement of students' bodily and emotional expressiveness. At the same time, such activities contribute to the formation of critical subjects, socially engaged in carrying out collective projects. The theoretical support that supports the proposal is mainly centered on the following authors Boal (1991), Fiorindo and Wendell (2014), Wendell (2011) who deal with theater; Coelho (1966) (2000) addressing the teaching of literature; Ostrower (1990), Rogers (2009) who bring creativity and the creation process; Kleiman (2002), Solé (1998) Koch and Elias (2008), (2012), Fiorindo (2015) which address reading and writing; Torralba (2015), Antunes (2015) that bring human values. The results show that theater and literature played a significant role in improving students' interpersonal skills and personal development. We believe these experiences set the stage for character growth and promoted the embodiment of human values.

KEYWORDS: adapted short story; theater; humans values; reading; writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Elementos do simbólico no conto.....	23
Figura 2 – Localização de Jacobina na Bahia.....	36
Figura 3 – Pátio escolar.....	37
Figura 4 – Biblioteca.....	37
Figura 5 – Pavilhão escolar.....	37
Figura 6 – A goiabeira de valores.....	46
Figura 7 – Escolha de rosas.....	47
Figura 8 – Preparando projeção de vídeos.....	47
Figura 9 – Entrega do Conto.....	50
Figura 10 – O que é que a minha terra tem?.....	51
Figura 11 – Encenação em sala.....	54
Figura 12 – Encenação no pátio.....	54
Figura 13 – Gentileza, o Camponês e a Raposa.....	54
Figura 14 – Exercícios teatrais.....	58
Figura 15 – Participação de alunos na encenação.....	59
Figura 16 – Discutindo valores.....	61
Figura 17 – Produção de enredos em equipes.....	61
Figura 18 – Leitura dramatizada.....	62
Figura 19 –Exibição de peça teatral.....	62
Figura 20 –Leitura do roteiro.....	63
Figura 21 – Produção textual.....	63
Figura 22 – Escolha de figurinos, ensaio e arrumação do auditório.....	64
Figura 23 – Alguns desenhos dos alunos dos alunos.....	65
Figura 24 – Maquiagem.....	66
Figura 25 – Apresentação final.....	67

SUMÁRIO

ABREM-SE AS CORTINAS.....	13
ATO 1 – O TEATRO E O CONTO NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA.....	18
1.1 LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA.....	18
1.1.1 Conceituando o conto...	21
1.1.2 O que diz a BNCC nas competências 8, 9 e 10?	24
1.2 O TEATRO NA ESCOLA.....	26
1.2.1 Criatividade narrativa em ação.....	29
1.2.2 Produção do conto: <i>O Príncipe Gentileza</i>.....	31
1.3 VALORES HUMANOS NA ESCOLA.....	33
ATO 2 – O PRÍNCIPE GENTILEZA EM CENA.....	35
2.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO ESCOLAR.....	35
2.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS.....	37
2.3 ESCOLHA DO MATERIAL.....	38
2.4 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	38
ATO 3 – DO CONTO AO PALCO: VIVÊNCIAS E PRÁTICAS	45
3.1 Era uma vez... A Baobá - ETAPA I	45
3.2 A Rosa do Planeta B612: relação intrapessoal e interpessoal ETAPA II	47
3.3 De volta ao Planeta Terra: Avarento, Vaidoso e o Bêbado ETAPA III	49
3.4 O Príncipe Gentileza, a Raposa e a escola em cena ETAPA IV	53
3.5 Elementos do conto ETAPA V	56
3.6 Oficina de teatro ETAPA VI	57
3.7 Produção de enredos narrativos ETAPA VII	60
3.8 Construção do texto teatral ETAPA VIII	62
3.9 Ensaio ETAPA IX	64
3.10 Apresentação teatral ETAPA X	65
ATO FINAL.....	69
REFERÊNCIAS.....	71
APÊNDICE 1 – GENTILEZA E A RAPOSA.....	74
APÊNDICE 2 – ROTEIRO UNINDO OS TRÊS ENREDOS.....	77
APÊNDICE 3 – TEXTO TEATRAL.....	78
ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	83

ANEXO 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM.....	87
ANEXO 3 – NARRATIVA: <i>O PRÍNCIPE GENTILEZA</i>.....	88
ANEXO 4 – TEXTO TEATRAL: UMA ROSA É UMA ROSA	102

ABREM-SE AS CORTINAS

“A coerência com os próprios valores traz paz interior. É consequência da transparência entre o ser e o fazer, entre o que há em nosso foro íntimo e o que fazemos e dizemos” (Torralba, 2015, p. 26).

Inicialmente, a fim de possibilitar a compreensão do leitor sobre a escolha do tema selecionado, apresento meu percurso de vida pessoal e profissional para elucidar o contexto da minha prática docente.

Meus primeiros oito anos de vida foram intensamente mergulhados nas fantásticas histórias de minha avó paterna, dona de uma memória criativa, repleta de encantos e magia. Ela dizia que os fatos contados se passaram na época em que os bichos falavam. As histórias de lobisomem pareciam muito reais, envolviam pessoas próximas que garantiam a veracidade dos acontecimentos, sem falar nas almas penadas que visitavam os vivos em busca de redenção.

Lembro-me de minha tia Edite, seus causos eram longos, musicalizados, cheios de peripécias, acredito que ela emendava uma narrativa na outra para prolongar o seu prazer em narrar. Minha mãe também sabia histórias e na ausência de minha avó, nos agradava com a história oral do *Macaquinho da Angola*, dentre outras já esquecidas. O fato é que a magia da literatura me alcançou muito cedo.

Aos seis anos, passei a frequentar a escola da professora Dalva, que era multisseriada, situada nas proximidades do distrito de Itapeipu-BA, localizado a 33 km da cidade de Jacobina, ali descobri que era preciso conhecer as letras, aprender unir as sílabas para só então decifrar a história. Era o mundo da leitura e da escrita propagado pelo meu avô em seus sermões educativos. Sempre lembrava da sua maior vergonha – ouviu alguém dizer que ele era analfabeto, não sabia escrever seu próprio nome. Movido pelo constrangimento, voltou para casa, pediu a uma das filhas que fizesse o nome dele com as letras separadas umas das outras, treinou bastante, aprendeu a desenhar seu nome e se orgulhava em assinar os documentos que precisava.

Meus pais passaram apenas quatro anos nos bancos da escola, aprenderam a importância do estudar para transitar na sociedade e por isso me levaram, juntamente com meus irmãos, para continuarmos os estudos na cidade. Fomos matriculados na escola Paroquial de Jacobina, do padre Alfredo e da irmã Eulália. Lembro-me, dessa época, do livro *Bom dia todas as cores* de Ruth Rocha (2013), cujo principal personagem era o camaleão, animal que surgia de vez em quando no quintal da minha casa.

O poder da literatura, vivenciado através das histórias, com certeza, foi determinante para que eu me tornasse uma leitora, primeiro dos textos da cartilha, segundo das HQs que eu colecionava, depois dos livros indicados pela professora do ensino médio. Ao ingressar no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia, *Campus IV*, logo identifiquei-me com a disciplina Literatura Brasileira. Minha professora, muito parecida com *A professora encantadora* (Vassalo, 2010), falava com tanta paixão das suas leituras que me induziu a também querer tocar o meu futuro aluno a começar da literatura.

Em 2004 iniciei minha jornada de professora nos anos finais do Ensino Fundamental em um colégio particular, ministrando aulas nas turmas da 5^a à 8^a série, atualmente 6^o ano ao 9^o ano. Comecei confiante, objetivando colocar em prática os saberes oriundos da minha formação. Logo percebi que os desafios vislumbrados na graduação se agigantavam na prática. Mas foi quando ingressei na escola pública que senti o peso da responsabilidade – formar leitores e, possível, escritores dentro da realidade em que muitos alunos se recusavam a participar dos momentos de leitura e de escrita, não se intimidavam em dizer que não gostavam de Português, a língua materna que usam para se comunicarem.

Rememorando esses fatos, ecoou em mim as vozes de Fiorindo e Wendell (2014), enfatizando a importância de elementos lúdicos por meio dos conteúdos, de forma criativa e dinâmica, utilizando metodologias e experiências diversas a fim de estimular o potencial criativo do aluno para o conhecimento ser concretizado. Essa é uma verdade muitas vezes esquecida por nós professores, ou talvez não colocada em prática em virtude da zona de conforto que encontramos.

Acreditando que a formação do professor é contínua e abrange toda a nossa carreira, é que continuei estudando através de cursos de pós-graduação, *lato sensu*, e aprimoramento. Quando vislumbrei cursar o Programa de Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS/UNEB sabia que era mais um passo importante em minha trajetória. Hoje tenho a oportunidade de refletir e ampliar a minha visão a respeito das minhas práticas pedagógicas, reavivando em mim a chama de mediar situações de aprendizagem efetiva, com um olhar atento para a formação integral do sujeito, muito relevante na contemporaneidade.

É fato que a sociedade está passando por momentos desafiadores, as transformações oriundas das mudanças, na forma de pensar e conceber o mundo, têm direcionado as pessoas para o egocentrismo, a banalização da vida e, conseqüentemente, para o esvaziamento das relações afetivas sólidas. São tempos de incertezas, crises internas e sociais, reforçadas e agravadas pela pandemia mundial, o coronavírus, que nos obrigou a viver dois anos afastados

fisicamente, privando a grande maioria dos estudantes do direito às aulas em virtude da falta de equipamento para os encontros virtuais.

Noto que os alunos, após o retorno às atividades presenciais, se mostram mais agitados, impacientes, raivosos, explosivos, não são poucas as incidências de adolescentes passando mal com crises de ansiedade e algumas meninas apareceram com marcas de cortes nos braços. Diante de tais ocorrências, a escola vem notificando os pais, promovendo palestras com psicólogos e encaminhando as alunas para orientação especializada. São ações importantes, mas não suficientes para as demandas do momento.

Os fatos sinalizam a necessidade de uma educação socioemocional. É função da escola como instituição social promover a educação integral do ser humano, não se limitando aos conteúdos tradicionais das disciplinas pois, muitas vezes, a forma como os temas e assuntos são tratados podem desencadear gatilhos de angústias, quando o aluno não vê sentido entre o conteúdo e sua realidade, distanciando-o do prazer em aprender e, conseqüentemente, de estar na escola.

Vale lembrar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta, por meio das competências gerais da educação básica, oito, nove e dez, a necessidade de um trabalho focado no aperfeiçoamento e construção de relacionamentos éticos, empáticos e valorosos que potencialize o autoconhecimento e a tomada de decisões responsáveis (Brasil, 2018). A realidade atual requisita ações que contemplem efetivamente o desenvolvimento dessas competências, pois é preciso que o sujeito saiba reconhecer e identificar suas emoções, a fim de tomar decisões proativas nas relações pessoais e interpessoais, que podem contribuir para a melhoria do desempenho escolar, principalmente na adolescência, por ser uma fase de transição biopsicossocioemocional.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), para medir a qualidade da educação, revela que a nossa escola ainda não conseguiu atingir a meta e melhorar o nível de conhecimento dos alunos. Os resultados de 2019 apontam para um índice muito baixo de aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática.¹ Além disso, vale salientar o desinteresse, apatia e baixa autoestima da nossa comunidade estudantil.

Diante desse contexto de crise, é primordial fomentar reflexões acerca dos valores, virtudes e vícios vigentes em nossa sociedade, analisando de forma crítica a realidade na qual

¹ Dados disponíveis em <https://qedu.org.br/escola/29071941-colegio-municipal-elvira-da-costa-pinto-dias-pires/aprendizado>. Acesso em: 21 ago. 2022.

estamos inseridos. Avaliando as consequências do consumo em excesso, a indiferença, a violência verbal e física, além da violência velada e a injustiça, buscamos soluções criativas para a construção de uma cultura de paz. É essencial também ensinar a sonhar, pois “se o sonho não existe, é inútil dar ordens à inteligência. Ela não obedece” (Alves, 2018, p. 19).

O primeiro desafio do professor é motivar, fazer surgir o desejo – e isso pode acontecer através de aulas que provoquem prazer, alegria, encantamento, tanto para o docente quanto para o aprendiz, e o teatro é uma das artes capaz de suscitar essas emoções e muitos outros sentimentos, sendo uma excelente ferramenta pedagógica, porque

é um gênero que integra a ludicidade e a criatividade, a partir da união entre oralidade e corporeidade, na expressão comunicativa do educando. Além disso, a linguagem teatral dramática possibilita que as palavras e a riqueza dos elementos textuais ganhem vida nos personagens e no conjunto da encenação (Fiorindo; Wendell, 2014, p. 115).

Paralelamente, a narrativa literária também propicia ao leitor diversos benefícios e, conforme Candido (2017), a literatura tem o poder de nos humanizar, porque ela dá forma aos sentimentos e à visão de mundo e assim nos organiza e nos liberta do nosso caos interior.

Diante do exposto, selecionamos o teatro e a narrativa curta, a partir dos valores humanos, presentes no conto *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023), como ferramentas pedagógicas para o estímulo à leitura, à escrita e à performance do corpo em cena, a fim de possibilitar as expressões artísticas na e pela literatura.

Nessa perspectiva, surge a seguinte pergunta – o texto literário, contextualizado com elementos da cultura local, e o teatro podem contribuir para formar sujeitos críticos, engajados socialmente na realização de projetos coletivos?

Levantamos, assim, a hipótese de que a literatura e o teatro podem possibilitar o desenvolvimento de uma visão mais crítica sobre a realidade do aprendiz, em que ele é capaz de gerenciar suas emoções, tornando suas ações mais humanizadas e coletivas.

O objetivo geral desta pesquisa é proporcionar ao aluno vivências literárias dramatizadas, a partir da narrativa *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023), enfatizando valores e virtudes. Assim elencamos os objetivos específicos – incentivar a prática de valores humanos pelos alunos por meio da literatura e do teatro; produzir narrativas intertextuais para serem teatralizadas pelos alunos; contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, da consciência artística e do refinamento da expressividade corporal e emocional.

A seguir apresentamos o **ATO 1 – O TEATRO E O CONTO NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA**, com respaldo teórico em Boal (1991),

Fiorindo e Wendell (2014), Wendell (2011) e Reverbel (1979) que tratam a respeito do teatro; Coelho (1966, 2000) explanando o ensino de literatura; Ostrower (1990), Rogers (2009) e Gardner (1999) que abordam a criatividade e o processo de criação; também autores que tratam da leitura como Kleiman (2002, 2004), Solé (1998) Koch e Elias (2012) e Fiorindo (2015); além de Torralba (2015) e Antunes (2015) que pontuam os valores humanos. No **ATO 2 – O PRÍNCIPE GENTILEZA EM CENA**, apresentamos a escola, os alunos, os materiais e a proposta de intervenção dividida em dez etapas. No **ATO 3 – DO CONTO AO PALCO: VIVÊNCIAS E PRÁTICAS**, descrevemos a aplicação da proposta de intervenção pedagógica no 9º ano do Ensino Fundamental, as atividades realizadas pelos envolvidos, focalizando a reflexão de valores humanos a partir da literatura dramatizada, e discutimos os resultados, fazendo relação com o aporte teórico. No **ATO FINAL** destacamos a conclusão de que o conto e o teatro desempenham um papel significativo no desenvolvimento do indivíduo, como também ressaltamos a relevância de incorporar a narrativa curta e a arte de encenar, na sala de aula, com ênfase na promoção dos valores humanos. Apresentamos também as **REFERÊNCIAS, APÊNDICES e ANEXOS**.

ATO 1 – O TEATRO E O CONTO NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA

“A criatividade traz um novo começo para “tempo”. Quando você é criativo, você quebra a monotonia do tempo e tudo se torna estimulante e vivo, trazendo, também, um novo ciclo de entusiasmo. A criatividade e o impulso procriativo da natureza estão associados ao entusiasmo. Quando você é entusiasta, você está mais próximo do princípio criativo da existência. Profundo silêncio é o pai da criatividade. Nenhuma criatividade brota de alguém que é muito ocupado, preocupado, super ambicioso ou letárgico.”

Siri Siri Ravi Shankar (2014)²

Nessa seção apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam a prática da leitura e escrita na escola, bem como a importância do gênero conto e do teatro, enquanto ferramentas pedagógicas para a construção de um sujeito autônomo, comunicativo, crítico, reflexivo e condizente com as exigências da sociedade contemporânea. E para tanto, discorreremos sobre as orientações da Base Nacional Comum Curricular (Brasil 2018), o processo de construção da narrativa que será utilizada na pesquisa e os valores humanos.

1.1 LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Apesar dos estudos e a ampla divulgação pelos pesquisadores sobre a importância da leitura e escrita, o fato é que essas práticas sociais, enquanto objeto de ensino e aprendizagem, ainda são negligenciadas e acontecem muitas vezes de forma impositiva, seguindo as escolhas pessoais do professor ou a indicação do livro didático e, até mesmo, pela orientação da coordenação da escola sem levar em conta a realidade e as características dos estudantes. É comum a leitura literária ser utilizada, nas aulas de Língua Portuguesa, apenas como pretexto para o ensino das regras gramaticais.

De acordo com Kleiman (2002), são as práticas desmotivadoras que afastam e excluem os alunos da escola. É comum ouvir alunos verbalizando que não gostam de ler e preferem ficar ligados a outras formas de entretenimento, isso acontece porque a leitura é vista por muitos deles como uma atividade difícil de decifrar palavras, além de não conseguirem atribuir sentido ao texto lido, criam resistência e fuga. O que inicialmente deveria ser um momento de interação prazerosa se transforma em uma experiência angustiante, que contribui para a formação de indivíduos que não desenvolvem o hábito da leitura.

Assim, o estudante, devido ao sistema de ensino, é aprovado sem desenvolver as habilidades de leitura essenciais para o êxito escolar. Esse é um fato presente em muitas escolas,

² Ideia disponível em <https://sabedoriaesrisri.wordpress.com/tag/criatividade/>. Acesso: 23 set. 2022.

inclusive faz parte da minha realidade. Muitos chegam ao 6º ano com muita dificuldade em decodificar palavras simples, atribuir sentido a termos constantemente utilizados no cotidiano e continuam assim por muitos anos, pois é comum não encontrarem um ambiente propício para sanar a dificuldade, visto que, geralmente nas aulas de leitura, o professor solicita que o aluno leia silenciosamente ou em voz alta, depois, apresenta-lhe uma série de perguntas sobre o texto, sem considerar se o aluno de fato compreendeu o que leu; e na correção, o professor apresenta, na maioria das vezes, sua interpretação como verdade.

Esse tipo de prática elimina uma etapa importante no processo da aprendizagem, a interação entre o professor e o aluno. Segundo Kleiman (2002), é na discussão sobre os aspectos relevantes que o leitor, menos experiente, compreende determinados pontos ou questões que ele se quer percebeu. Na interação o aluno reflete, constrói argumentos, confronta opiniões e aprimora o conhecimento.

Dessa forma o ato de ler influencia positivamente na produção escrita, uma vez que para escrever é preciso ter o que dizer e as razões para esse dizer. Porém nem sempre se oportuniza a leitura e o debate sobre o assunto a ser dissertado. Na escola, de maneira geral, o aluno escreve para ser avaliado pelo professor, esse, por sua vez, observa se o discente sabe escrever, conforme as regras gramaticais da língua, sem levar em conta o pensamento autoral sobre um determinado assunto, salientando nas correções, apenas os equívocos ortográficos e de ordem gramatical.

Desse modo, não se leva em consideração o fato de que produzir texto é também um ato social de interação, como ressalta a referida autora, o aluno não percebe sentido naquilo que escreve e a atividade de escrita se torna enfadonha e desinteressante, por isso ele não sente vontade de aprender e não se movimenta em direção à construção de novas habilidades.

Segundo Coelho (1966), a educação tem a função de formar jovens conhecedores de si próprios, capazes de se comunicarem de forma eficaz com si mesmo e com os outros. Assim, a primeira missão das aulas de Língua Portuguesa é ensinar a ler e escrever com inteligência e fluência, para tanto torna-se necessário refletirmos sobre a seguinte ideia “sem aprender a pensar e sem adquirir ideias, o aluno jamais poderá, de maneira livre e independente, formar a escala de valores que vai dirigir seus atos na vida adulta.” (Coelho, 1966, p. 20).

A sociedade exige do sujeito a utilização das práticas sociais de leitura e de escrita para o pleno exercício da cidadania. A leitura é a base das aprendizagens na escola e deve ser prioridade, no processo ensino-aprendizagem, para a formação do sujeito crítico e reflexivo.

Kleiman (2004) afirma que para a compreensão de um texto são mobilizados três tipos de conhecimento – o conhecimento linguístico, o textual e o de mundo. O conhecimento

linguístico diz respeito ao “conhecimento implícito” (2004, p. 13), relacionado ao funcionamento da língua, gramática, léxico e semântica. Já o conhecimento textual se refere ao “conjunto de noções e conceitos sobre o texto” (2004, p. 16), ou seja, o leitor ativa seu conhecimento sobre a tipologia textual (narração, descrição, argumentação, injunção e exposição). Enquanto o conhecimento de mundo está associado aos conhecimentos do presente e passado ligados à prática de interação do indivíduo na sociedade. Tal pensamento coaduna com as ideias de Solé, pois

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (Solé, 1998, p. 23).

A leitura é uma atividade de interação em que cada leitor atribui sentido ao que lê, de acordo com seus conhecimentos. Na convivência em sala de aula são compartilhadas opiniões, ideias sobre os textos, contribuindo para a construção de sentido dos mesmos. Sobre o texto narrativo é importante refletir sobre as próprias previsões, buscando explicações no que elas se baseiam, tendo como referência que “os fatos que sucedem em uma história – e os elementos que a compõem: cenário, personagens, problema, ação, resolução – nos permitem prever o que vai acontecer; é um processo que deve ser ensinado e aprendido” (Solé, 1998, p. 28). Isso porque somente a partir da compreensão daquilo que se está lendo é que o ato da leitura se torna instrumento útil, significativo.

E sobre a escrita, Fiorindo (2015) ressalta que o ato de escrever não é uma tarefa simples, exige tempo, dedicação e principalmente leitura; viajando pelo mundo das palavras o aluno constrói seu vocabulário, sendo a prática da leitura diária imprescindível para ampliação da visão de mundo e do desenvolvimento do prazer em ler, e com isso o sujeito pode se tornar um escritor eficiente.

Koch e Elias (2012) enfatizam que o sujeito, produtor de texto, pensa de forma não linear sobre o que vai escrever, pensa também em seu leitor, depois escreve, lê o próprio texto, revê, reescreve o que julga necessário em um movimento norteado pelo princípio de interação escritor-leitor. As autoras salientam que é fundamental, no ensino da produção escrita, chamar atenção dos alunos para o fenômeno da intertextualidade – textos baseados em outros.

Dentre as diferentes formas de intertextualidade, privilegamos a adaptação, que segundo Monteiro (2006), significa atualizar o discurso para que haja a perpetuação e a divulgação dos cânones, é uma renovação da tradição literária.

Por isso a adaptação foi o recurso escolhido para a produção da narrativa *O Príncipe Gentileza*, inspirado no clássico mundial *O Pequeno Príncipe* (Saint-Exupéry, 2015), que foi utilizada pelos alunos para a produção de novas narrativas (re)adaptadas e dramatizadas, oportunizando aulas mais dinâmicas, desafiadoras e que motivem o aluno à prática da leitura e escrita, pois elas devem ser utilizadas diariamente na sala de aula. Sabemos que existem uma infinidade de gêneros textuais que devem compor esse mosaico de textos na escola, e aqui ressaltamos, dentre os diversos textos literários, o conto.

1.1.1 Conceituando o conto...

Segundo Coelho (2000), a produção da literatura infantil e juvenil brasileira, fase inovadora pós-lobato, a partir dos anos 60/70, do século XX, pode ser distribuída em duas áreas: a do *questionamento* e a da *representação*. Essas áreas atingem “o nível literário autêntico”, mas se diferenciam pela intencionalidade, a área do questionamento procura estimular os leitores a questionar e transformar o mundo. A segunda área, da representação, procura mostrar ou denunciar os caminhos e o comportamento a serem evitados ou assumidos para tornar a vida mais justa e plena.

Independente da intencionalidade, o primeiro objetivo da obra literária “é dar prazer ao leitor, diverti-lo, emocioná-lo ou envolvê-lo em experiências estimulantes ou desafiantes” (Coelho, 2000, p. 150). O valor literário da obra infantil ou juvenil deve ser resultado de uma visão de mundo indagadora, aberta às transformações. Segundo a referida autora, o que marca a contemporaneidade de uma obra literária

é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (Coelho, 2000, p.151).

Na perspectiva da visão crítica do leitor, segundo Maria (2004), o conto é a literatura de ficção mais antiga, narra uma história linear, geralmente no pretérito, sem se aprofundar no estudo das personagens nem nas motivações das ações destas. Enquanto experiência literária, o

referido gênero passou a ganhar autonomia a partir do Romantismo, movimento literário considerado controvérsico, porque é criação de um indivíduo, está aberto a experimentalismos e inovações, foge de concepções fechadas, normativas e estanques, assim como toda arte.

O conto sofreu diversas modificações ao longo dos tempos, principalmente na modernidade, onde foram ampliadas as possibilidades de agrupamento de características de gêneros diversos. Coelho (2000) apresenta algumas categorias de conto – exemplares, jocosos, religiosos, etiológicos e contos acumulativos. Atualmente é possível encontrar diversas outras classificações de conto tradicional, de terror, de mistério, de amor, conto moderno, contemporâneo, de ficção científica, policial, contos absurdos, dentre outros.

Para este trabalho escolhemos o conto maravilhoso que normalmente se desenvolve dentro de uma atmosfera mágica, em que plantas e animais falam, os personagens transitam entre os espaços desafiando a lei da gravidade e existe uma problemática social ligada ao cotidiano dos sujeitos, conforme acontece no conto *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023).

Lembramos que Mario de Andrade escreveu: "Em verdade, será sempre conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto" (Andrade, 1972, p. 5), ou seja, o autor pertencente ao movimento Modernista defende as inovações na linguagem e o fato de que a arte deve estar acessível às experimentações, não mais presa às tradições, às normas preestabelecidas, que impedem a inovação. Porém todo gênero possui suas especificidades ainda que não seja possível o estabelecimento de regras tão rígidas. Geralmente os contos possuem a seguinte estrutura – apresentação, complicação, clímax e desfecho; sendo comum na contemporaneidade a eliminação de algumas dessas partes. Vale lembrar também do enredo, personagens, espaço, tempo e narrador, elementos notáveis da narrativa que no conto apresentam-se em suas formas concisas.

De acordo com Coelho (2000), o conto se diferencia em maravilhoso e de fada. Os contos maravilhosos nasceram no oriente, a coletânea *As Mil e Uma Noites* é um exemplo completo dessas narrativas que foram difundidas pelos árabes, seus personagens possuem poderes sobrenaturais, sofrem mutações e movimentam-se desafiando as leis da lógica, as forças do BEM e do MAL estão sempre presentes, existe a busca pelas riquezas, a conquista de poder, dentre outras características.

Já os contos de fada têm sua origem no povo celta e está ligado ao sobrenatural, direcionado à realização interior do ser humano. A fada é a encarnação das possíveis realizações das aspirações, fantasias e sonhos do ser humano, que é limitado, e por isso deseja auxílio mágico. Vale lembrar que esses contos não eram primariamente para as crianças.

Ainda em relação aos contos maravilhosos, Propp (1970 *apud* Fiorindo 2005, p.19), ressalta que o conto se explica pela estrutura em torno da qual temas, motivos e assuntos se agrupam. Conforme o autor, os contos possuem uma sequência de 31 funções que “se dividem em três momentos: seção preparatória (introdução de alguns personagens); primeira sequência (desenrolar das ações); e segunda sequência (desfecho das ações).” O estudioso enfatiza que é até possível que todas as funções não estejam presentes em um conto, mas a ordem das funções nunca é modificada.

O conto é um gênero acessível, familiar aos alunos desde as primeiras etapas da escolarização, são textos mais curtos em comparação com o romance e a novela, o que os torna adequados para a leitura, durante aulas de cinquenta minutos, e são frequentemente encontrados em livros didáticos e amplamente difundidos em plataformas online. Além disso, são facilmente adaptáveis para diversas mídias, como filmes, séries e peças teatrais. Sua linguagem híbrida e contemporânea abrange tanto o realismo quanto o simbólico, conforme observamos na Figura 1:

Figura 1: Elementos do simbólico no conto



Fonte: <https://pxhere.com/pt/photo/1594535>

Diante da sociedade em transformação, o acesso ao simbólico nos contos de fadas e nos contos maravilhosos faz-se imprescindível na busca do autoconhecimento. Nessa perspectiva, a literatura tem uma importante missão: “a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola” (Coelho, 2000, p. 15). O texto literário, além de fonte de prazer e distração, é o melhor veículo para conhecermos a nós mesmos, os homens e a vida. Diante das transformações e caos dos valores, marca do nosso tempo, outros valores estão sendo afirmados e a literatura pode ser responsável por abrir caminhos em direção à novas mentalidades. Segundo a autora,

os textos literários devem ser utilizados como matéria ideal para conduzir o aluno ao domínio da língua e da linguagem, paralelamente à conquista de uma personalidade consciente de si e do mundo que a circunda: uma personalidade aberta para a vida integral, e dinamizada para a renovação que se faz inevitável de geração para geração (Coelho, 1966, p. 5-6).

Para a referida estudiosa, a partir dos 12 anos, o sujeito já possui a capacidade para refletir com maior profundidade, é a fase do desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, ou seja, o aluno desperta a consciência crítica em relação à realidade. Para isso, é necessário que o leitor ative uma gama de conhecimentos prévios de leitura.

A literatura como expressão artística reflete a complexidade do ser humano e os fatos da vida, assim pode ser capaz de auxiliar o sujeito a lidar com medos, anseios, frustrações além de estimular a criatividade, enriquecendo a própria experiência de viver. O trabalho com a literatura é desafiador na medida em que o aluno se mostra avesso ao ato de ler, uma realidade ainda do público na faixa etária do Fundamental II, anos finais; exigindo do professor a aplicação de estratégias diversificadas na conquista e motivação desse público.

Nessa vertente, a seguir, revistamos a Base Nacional Comum Curricular, a fim de compreender as suas diretrizes para o trabalho pedagógico do professor de Língua Portuguesa.

1.1.2 O que diz a BNCC nas competências 8, 9 e 10?

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador das aprendizagens fundamentais para a formação dos discentes brasileiros, aprovada em 2018, visa a formação integral do sujeito e assume a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, isso significa que o texto é o objeto central na dinâmica das aulas de Língua Portuguesa.

O ensino dessa disciplina está organizado em quatro eixos de integração que correspondem às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística semiótica. Essas práticas se realizam, nos anos finais do Ensino Fundamental II, contextualizadas por meio de quatro campos de atuação – vida cotidiana, artístico-literário, práticas de estudo, de pesquisa e da vida pública.

A competência geral de número oito para o ensino da educação básica aborda a necessidade do autoconhecimento e do autocuidado. Os estudantes precisam saber reconhecer e lidar com suas próprias emoções e com a dos outros. “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (Brasil, 2018, p.10). Essa competência contribui para a construção de valores e de identidade. O aluno precisa

construir um discernimento acerca de si mesmo, adquirir respeito próprio, compreendendo suas fragilidades, reconhecendo seus pontos fortes, buscando segurança e otimismo diante de eventos emocionais intensos.

Já a competência geral de número nove explicita a necessidade do sujeito

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p.10).

Na referida competência, percebe-se uma educação preocupada com a postura e atitudes dos alunos em relação ao outro, colocando como indispensável a necessidade de compreensão, solidariedade, empatia, colaboração, diálogo e respeito à diversidade para a construção de relacionamentos saudáveis, buscando enxergar as situações pela perspectiva do outro, o que certamente contribui para evitar o *bullying* tão recorrente nas escolas.

Os discentes também precisam aprender a interagir com diferentes culturas, combatendo o preconceito, respeitando regras de convivência, utilizando o diálogo para resolver questões interpessoais. Aprender que em alguns momentos é importante desistir de interesses pessoais a fim de resolver conflitos que demandam conciliação, se posicionando em prol da construção da paz, evitando situações que não dignificam a convivência em sociedade.

A última competência, de número 10, salienta a necessidade de que os alunos desenvolvam a consciência de que são capazes de atuar na construção de uma sociedade mais justa, com responsabilidade e cidadania. É fundamental que o sujeito saiba “agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários” (Brasil, 2018, p.10). Para o êxito dessa competência é primordial estimular atividades em que os alunos trabalhem coletivamente, mas com autonomia na resolução de obstáculos. É importante que o aluno sinta interesse em lidar com as demandas e desafios do mundo, vivenciando e identificando valores conflitantes, agindo conscientemente e nas tomadas de decisões.

Vale ressaltar que em relação ao teatro na escola, a BNCC destaca a importância da participação dos estudantes atuando ou como espectadores, pois a encenação e/ou a dramatização possibilita a troca de experiências entre os alunos, aprimorando a percepção

estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção, permitindo o desenvolvimento de aprendizados associados ao universo cênico.

Também é importante frisar que a literatura é considerada uma prática social e o seu ensino está inserido no campo artístico-literário, visto que é mais uma arte entre várias outras.

Nessa perspectiva, faz-se necessário formar um leitor-fruidor capaz de se implicar na leitura dos textos, desvendando os sentidos. Finalizando o campo artístico literário a BNCC destaca

a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (Brasil, 2018, p. 139).

Tendo em vista essas elucidações, percebe-se que não é mais suficiente o ensino baseado na limitação de transmissão de conteúdos teóricos e, diante do exposto, escolhemos o teatro e a literatura – o conto – para trabalhar as questões relativas à leitura, à escrita e aos valores humanos, práticas imprescindíveis para o transitar em nossa sociedade.



1.2 O TEATRO NA ESCOLA

O teatro surge na Grécia antiga, no séc. IX a. C, onde se valorizava muito as artes e a religião, ele estava relacionado às celebrações destinadas aos deuses, especialmente nos festivais dionisíacos. Conforme Granero (2022), parte do fascínio do pensamento grego praticado, ainda hoje, é fruto da teatralidade e construção literária de mitos e reflexões, imbuídos de um caráter plástico, atemporal, presentes nos conflitos da história dramática do teatro.

O teatro era dividido em Tragédia e Comédia, e Aristóteles sustenta que a finalidade da tragédia é provocar a "catarse", uma forma de purificação, expulsão das impurezas e correções das ações do homem através de uma descarga emocional, isso acontece por meio da "mimesis" que é uma imitação artística de acontecimentos reais levando em consideração a verossimilhança. Assim a arte de encenar vem se desenvolvendo ao longo do tempo, acompanhando as transformações dos seres humanos.

Para Boal (1991) o teatro é transformação e movimento, e não simples apresentação do que existe. É tornar-se e não ser. Por isso as transformações ocorridas diante do espectador são de suma importância. É uma arma muito eficiente, podendo ser utilizada como instrumento de dominação ou de libertação, “todo teatro é necessariamente político, porque políticas são todas as atividades do homem, e o teatro é uma delas” (Boal, 1991, p.13). Através da atuação dos atores pode-se criticar, exaltar ou denunciar a estrutura social da qual se faz parte.

Guénoun (2004) define teatro como duas atividades indissociáveis, a de fazer e a de ver. O teatro é antes de tudo uma arte híbrida, é um diálogo entre a literatura e a encenação, as palavras ganham forma e vida, são compreendidas e interpretadas pelo ator e espectador. O autor ressalta que o teatro é necessário, porque está relacionado ao poético, é o confrontar da existência humana com a poesia:

[...] só o teatro faz isso: só ele lança o poema para diante de nossos olhos, e só ele lança e entrega a integridade de uma existência. Comandadas por este lançar, que vem dos extremos poéticos da língua, a nudez, a precisão e a verdade fazem do teatro uma necessidade – absoluta” (Guénoun, 2004, p. 147-148).

Faz parte da natureza humana se satisfazer com a sua própria atuação em cena e também do compartilhar essa teatralização. Mesmo depois das transformações sociais, o homem continua utilizando o teatro, segundo o estudioso, pois o ser humano gosta do jogo, tão importante quanto a sua atuação enquanto ator, é a sua posição de espectador pronto para atuar. Com certeza a inexistência do teatro na vida das pessoas não as levam à morte, mas contribui para que a chama da alegria e do prazer existencial, na terra, não sejam completos.

Ressaltamos que “o teatro, por sua característica de representar a vida ao vivo, tem seu potencial ampliado quando os atores e o público fazem parte de uma mesma vida social, a escola pública.” (Wendell, 2009, p. 82). Porém o teatro ainda é visto, muitas vezes, como atividade apenas de entretenimento e por isso pouco utilizado pelas instituições de ensino básico como ferramenta pedagógica, potencializadora da promoção de uma escola pública de qualidade.

Se o teatro representa a vida ao vivo, e a escola age no sentido de preparar o aluno para a vida e a prática da cidadania, então escola e teatro constituem-se elementos indissociáveis para a formação do ser humano. A negligência do trabalho com essa arte priva o aluno da oportunidade de conhecer, apreciar, interagir e usufruir dos benefícios oriundos desta manifestação artística. Nesse sentido, corroboramos com a ideia de que

O evento teatral é um momento de aprendizagem para a vida, de uma experiência estética que une o sentir, o pensar e o agir à consciência, o que é transformador. É uma mudança que se abre na vida do espectador e que vem a partir do contato e do vínculo com a obra. Estas experiências chegam e trazem outros olhares sobre as atitudes cotidianas (Wendell, 2011, p. 152-153).

Infelizmente, as provas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e vestibulares acabam contribuindo para que a arte teatral não seja valorizada, soma-se a esse fato a falta de estrutura física das escolas e a ausência de espaços culturais na cidade onde atuo e região, o que afasta ainda mais o discente da convivência com a arte. É comum o aluno concluir todo o Ensino Fundamental II sem experimentar o teatro, isso o exclui da possibilidade de acessar o conhecimento por meio do corpo e das emoções pois, conforme Wendell (2009), os alunos passam parte de suas vidas na escola, constroem relacionamentos de grupo, identificações de linguagens, vestuário, comportamentos, formando redes de relações que determinam a qualidade de vida. Quando os vínculos sociais e afetivos são abalados por qualquer briga, os jovens não conseguem manter uma relação confortável com a escola.

Se não há contentamento e motivação em estar presente na escola, uma das formas de manifestar essa insatisfação é através da violência. De acordo com a autor, a escola é um espaço, que esconde, por trás das violências, a demanda afetiva que move a qualidade das relações. E com isso observamos uma série de consequências negativas no ambiente escolar, se estendendo para além dos muros da escola. É preciso, pois, entender que o prazer é quem movimenta o aluno e o faz permanecer na escola.

Segundo Fiorindo e Wendell (2014), é importante que elementos lúdicos, dinâmicos e criativos estejam presentes no dia a dia da sala de aula, contextualizados aos conteúdos, a fim de potencializar a aprendizagem. Dessa forma, os estudiosos apresentam o teatro como uma estratégia pedagógica para o ensino, visto que “a arte tem a capacidade de transformar, esclarecer, fazer sonhar, imaginar, criar e recriar os comportamentos dos homens, tornando-os protagonistas de suas próprias histórias” (Fiorindo; Wendell, 2014, p.120).

Ainda conforme os autores, enquanto gênero literário, o teatro possui quatro funções: recriar a realidade em cena; integrar o indivíduo ao mundo imaginário; explorar a estética da comunicação verbal; e valorizar o educando como criador. Assim o aluno é mobilizado a produzir histórias para serem encenadas utilizando a imaginação, exploram as palavras de forma diversificada, interpreta personagens em contextos diferentes, encena a realidade concreta ou fantasiosa da vida, vivenciando momentos lúdicos.

Para a construção de encenações teatrais é possível utilizar fatos verídicos ou fictícios e podem se desenvolver por meio de três estratégias (Fiorindo; Wendell, 2017) descritas a seguir: os alunos criam uma história inédita em que as falas sejam improvisadas durante a encenação ou produzem as falas e decoram; a segunda possibilidade é fazer uma adaptação de uma fonte já existente, utilizar por exemplo um texto literário; e na terceira estratégia, os alunos utilizam uma peça teatral já produzida por algum autor e apenas encenam.

O teatro pode oferecer experiências significativas tanto para os discentes quanto para os docentes, isso porque as aulas, seguramente, serão mais dinâmicas e divertidas e dessa maneira, o aluno é estimulado a desenvolver autonomia em busca do conhecimento, é impulsionado a estudar, pesquisar, criar, recriar, vivenciando todo o desafio da construção do saber com alegria e os resultados são revertidos para a comunidade. Além disso,

professor e ator têm muito em comum, se este depende diretamente da comunicação com o espectador em cada espetáculo, aquele depende da comunicação com o aluno-espectador para que se processe uma real e constante aprendizagem na sala de aula (Reverbel, 1979, p. 5).

Nessa perspectiva, segundo a autora citada, o professor deve aprimorar suas observações e percepções, em relação às mudanças de comportamento do aluno, para que ele possa utilizar o teatro como ferramenta para auxiliá-lo na liberação da sua personalidade pela espontaneidade e contribuir para formação do sujeito social por meio da cultura em que está inserido.

Nesse sentido, a escola passa a ser um espaço cultural especial de desenvolvimentos de competências e habilidades diversas, primando pela formação do ser integral, em que o aluno se sente feliz em frequentar o ambiente escolar todos os dias.

1.2.1 Criatividade narrativa em ação



A criatividade é “uma potencialidade dada a todos ou à maioria dos seres humanos no nascimento, a qual, com frequência, se perde ou é enterrada, ou inibida, quando a pessoa é enculturada” (Maslow, 1970, p.171). Nessa perspectiva, na medida em que o sujeito busca se encaixar na cultura da qual faz parte abandona suas características peculiares, as quais o permite viver plenamente para se moldar ao contexto social. Nesse contexto, é possível que a criatividade seja resgatada e para isso o sujeito deve estar envolvido em um ambiente favorável

ao seu desenvolvimento, além de ter estímulo para gerar novas ideias, exercer e viver sua criatividade.

O referido autor associa a criatividade à autorrealização, considerada a motivação para o ser desenvolver todo potencial que carrega dentro de si. A pessoa criativa possui um tipo de humor diferenciado, é aberta à experienciar o novo, é mais expressiva e espontânea, com menos bloqueios e autocríticas, o medo do desconhecido não a paralisa e nem a impede de se arriscar, gosta do que é misterioso, não se abate com os erros, pois entende que faz parte do processo. O sujeito criativo é aquele que pouco perdeu da essência humana.

E para a aplicação da proposta de intervenção, descrita na próxima Seção, desenvolvi um conto com o objetivo de trabalhar os valores humanos a partir da adaptação do Pequeno Príncipe (Saint-Exupéry, 2015).

Durante a produção narrativa do conto *O Príncipe Gentiliza*, apoiamo-nos na ideia de criatividade por Rogers (2009, p. 406) “minha definição do processo criativo é que se trata da emergência na ação de um novo produto relacional que provém da natureza única do indivíduo por um lado, e dos materiais, acontecimentos, pessoas ou circunstâncias da sua vida, por outro.” Isso nos faz entender que as circunstâncias internas e externas influenciam no emergir do potencial criador.

Para Ostrower (1990), o criar envolve a capacidade de compreensão, o que demanda ordenar, relacionar, significar e configurar. Ela afirma que a criatividade é “um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades” (Ostrower, 1990, p. 5). Nessa perspectiva, todos os indivíduos são dotados de capacidades criativas, gostam de criar e sentem prazer em expressar as potencialidades da criatividade, inerentes ao ser humano. O grave problema é que:

o homem contemporâneo, colocado diante das múltiplas funções que deve exercer, pressionado por múltiplas exigências, bombardeado por um fluxo ininterrupto de informações contraditórias, em aceleração crescente que quase ultrapassa o ritmo orgânico de sua vida, em vez de se integrar como ser individual e ser social, sofre um processo de desintegração. Aliena-se de si, de seu trabalho, de suas possibilidades de criar e de realizar em sua vida conteúdos mais humanos (Ostrower, 1990, p. 6).

Para evitar essa condição que esmaga o potencial criador, a referida autora aponta os processos criativos, visto que o homem se molda seguindo os padrões históricos e culturais do grupo ao qual faz parte. Nessa vertente, é de extrema importância que o professor trabalhe para desenvolver aulas dinâmicas, que façam sentido para as vivências diárias do aluno e que suas ações sejam direcionadas para o desenvolvimento do potencial criativo.

Segundo Gardner (1999), para a existência de um ser criativo é preciso a agregação de fatores genéticos, familiares, motivacionais e culturais. O fator cultural é relevante no julgamento de um ato criativo porque a importância que uma sociedade atribui a determinados atos criativos faz com que certas habilidades ou talentos sejam destacados e valorizados, enquanto em outras sociedades aqueles mesmos atos passam despercebidos.

Para trabalhar a narrativa *O Príncipe Gentileza* em sala de aula, que será abordado mais detalhadamente no tópico a seguir, o conto foi transformado em um livro ilustrado a fim de facilitar o manuseio pelos alunos. Além de promover e incentivar a leitura do livro literário, a narrativa pode servir de inspiração para que o discente escreva e publique suas próprias histórias posteriormente.

1.2.2 Produção do conto: *O Príncipe Gentileza*

Narrar é um ato que acompanha o homem através dos tempos e, por isso, nos apoiamos na ideia de que

Certamente, podemos narrar por muitas razões: para nos divertir, ou porque alguém nos pede [...] Talvez porque no narrar, da criança ao idoso, somos surpreendidos no tempo, e nenhum discurso teórico dá conta dessa dimensão de repetição/novidade, esperado/surpresa, que é a vida para cada um de nós. Narrar é, seguramente, um jogo. Talvez, seja o jogo mais sério (François, 2009, p. 44).

Nessa perspectiva, foi produzido o conto *O Príncipe Gentileza*, a partir da leitura do livro *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry (2015) e da lenda africana do *Baobá* (Iancoski, 2020)³, com o objetivo de proporcionar ao aluno o contato com uma narrativa adaptada com ênfase nos valores humanos e contextualizada com elementos regionais, fazendo com que haja uma conexão mais fluida e verossímil com a realidade do aprendiz.

De acordo com Gancho (2006), os textos narrativos em prosa mais difundidos são conto, romance e novela. Sendo o conto o mais curto dos três, é uma narrativa tradicional com conflito, tempo, espaço condensados e personagens reduzidos. Desse modo, classificamos *O Príncipe Gentileza* como uma narrativa curta, de ficção, escrita em prosa, denominada *conto* pelas suas características.

Infelizmente a realidade atual, muitas vezes, distancia o sujeito de valores como amor, empatia, solidariedade, amizade, dentre outros que estão sendo esquecidos pela modernidade que mergulha cada vez mais no consumismo e vaidades humanas. Assim, a temática é relevante

³ Lenda do Baobá disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ogjSwDom2mY>. Acesso: 21 ago. 2022.

por favorecer reflexões sobre o impacto do comportamento humano na sociedade, incentivando a valorização de atitudes éticas e morais, auxiliando o sujeito na tomada de decisões responsáveis e no estabelecimento de relações saudáveis, contribuindo para a harmonia e o bem-estar biopsicossocial.

O conto produzido se inicia chamando a atenção para o fato de que estamos inseridos em um universo grandioso de dimensões extraordinárias. O Planeta Terra é apenas um entre vários outros e é repleto de seres animados e inanimados. Em seguida, é apresentada a lenda da Baobá, a árvore da sabedoria. Os fatos são narrados em terceira pessoa, de forma cronológica e acontecem no Planeta B612 e no Planeta Terra. São personagens: o Príncipe Gentileza, a Baobá, o Criador, a Rosa, a Raposa, o Rei Avarento, o Capitão Vaidoso e o Bêbado; os três últimos personagens são personificações de comportamentos nocivos; os demais estão ligados ao universo de valores favoráveis ao cultivo de convivências saudáveis.

O enredo gira em torno do protagonista, Príncipe Gentileza, que viaja ao Planeta B612, lá encontra-se com a Baobá e presencia o nascimento da Rosa de temperamento difícil. Ao voltar para a Terra, visita a cidade de Jacobina e Capim Grosso onde se encontra com a personificação de avareza, da vaidade e do bêbado. Nas proximidades de Paraíso, Gentileza conhece a Raposa, faz amizade com os alunos do colégio, volta ao Planeta B612 e não mais encontra sua amiga Rosa.

O desafio de escrita proposto pela professora orientadora me fez sair da zona de conforto em relação à produção literária, movendo-me no sentido de criar um texto para potencializar as discussões a respeito da temática da intervenção pedagógica. Nessa ótica, o clássico da literatura mundial, *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (2015), foi selecionado dentre tantos outros do gênero porque agrada adultos e crianças pelas questões relativas à essência humana, podendo ser adaptado a qualquer realidade, a exemplo da cidade de Jacobina.

Conforme Pauliukonis e Cavalcante (2018), é relevante o aluno ter consciência de que cada texto possui uma função específica dentro do contexto sócio-histórico e para sua interpretação é fundamental observar: *Quem fala? Para quê? A propósito de que? Como fala? Com que fala?* Assim, nessa produção adaptada levamos em consideração quem escreve – uma professora; para quem escreve – seus alunos do Ensino Fundamental II; com a finalidade de desenvolver um projeto de intervenção nas aulas de Língua Portuguesa, com ênfase na discussão dos valores; escrita em uma linguagem simples, buscando o vocabulário adequado, acessível à faixa etária dos sujeitos.

Todo processo de escrita consiste em várias etapas para que seja concretizado, assim, a produção dessa narrativa foi construída por meio de um trabalho de idas e vindas entre mim e minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo, que devido a sua didática em sala de aula, aos direcionamentos, às correções e à empatia foi possível eu persistir na construção desse conto.

1.3 VALORES HUMANOS NA ESCOLA

As palavras *valores* e *virtudes* são usadas muitas vezes como sinônimos, porém indicam significados diferentes. Valor deriva do latim *valere* e remete à ideia daquilo que vale (merecimento), remete à robustez, força, poder de um objeto (bem) que se impõe à consciência do sujeito. Segundo Pedro (2014), um objeto em si, não tem um custo, mas a partir do momento que o sujeito determina um preço, importância para ele, passa a ser valorizado, mas aquele mesmo objeto pode não ter o mesmo peso para outra pessoa. O bem (objeto) material ou imaterial só é transformado em valor pelo sujeito a depender de sua necessidade. Sempre que o sujeito se interessar pelo objeto e se esse objeto for útil a ele, então é possível criar o valor.

Além dos valores morais e éticos, existem outros tipos, como os políticos, estéticos, ecológicos, vitais, espirituais, econômicos, religiosos, entre outros. Em relação à virtude, apoiamos-nos na ideia de que “a virtude de um homem é o que o faz humano, ou antes, é o poder específico que tem o homem de afirmar sua excelência própria, isto é, sua humanidade” (Comte-Sponville, 1999, p. 5). Dessa forma, a virtude é inerente ao ser humano – ser pensante, racional e emocional.

A título de ilustração citamos algumas virtudes – fidelidade, prudência, temperança, coragem, justiça, generosidade, compaixão, misericórdia, gratidão, humildade, simplicidade, tolerância, empatia e amor. A virtude é a própria essência do homem. Ainda que um sujeito não se sinta corajoso, por exemplo, ele carrega em si, no seu DNA existencial, a possibilidade de ter coragem.

Nessa perspectiva, compreendemos que toda virtude é um valor, mas nem todo valor é uma virtude, por exemplo, a honestidade é um valor e uma virtude, enquanto a beleza é, apenas, um valor humano, assim como a religião; enquanto a fé é um valor humano e uma virtude.

O ideal é que o indivíduo exerça, vivencie, colocando em prática os seus valores levando em consideração as virtudes, pois “muito mais que somente conteúdos conceituais das

disciplinas curriculares, a meta essencial de uma escola que se afirma completa é ajudar seus alunos a internalizar valores como rota indiscutível da felicidade” (Antunes, 2015, p. 96). Se não houver esforço ou preocupação para com as questões espirituais e a educação existencial for deixada de lado, as consequências podem ser não tão boas, pois a pessoa e, por extensão, a sociedade se desmorona quando perde a sua dimensão existencial.

Ainda segundo Antunes (2015), o vazio existencial é uma epidemia moderna que afeta as pessoas, provocando depressões e neuroses. Nesse estado a pessoa é incapaz de atribuir sentido à vida, não vê razão nas amizades e significados nos afetos. E tal comportamento considerado “normal”, na contemporaneidade, é denominado de “normose” (Weil, Leloup e Crema, 2003), em que o padrão de normalidade se torna patológico. Para fugir desse vazio é preciso acreditar que a vida vale a pena e não se deixar desanimar pelas adversidades, que a partir de um olhar ampliado transformam-se em desafios para o crescimento pessoal.

De acordo com Torralba (2015), os valores só podem ser desenvolvidos com todo seu potencial se tivermos consciência de sua presença dentro de nós, por isso se faz necessário que o sujeito conheça os valores que norteiam sua vida, as prioridades – o que o move, o que o sustenta nas horas difíceis, aquilo que inquieta o coração, o que inspira, pois conhecendo os valores que moldam a personalidade é possível refletir sobre eles e praticá-los.

No que se refere aos adolescentes, suas prioridades, às vezes, não são reveladas, pois não correspondem às escolhas do meio em que transitam, e o medo de serem excluídos faz com que muitos escondam seus verdadeiros valores e talentos.

Vale salientar que leis e regras do bom convívio social até podem ser impostas, mas valores não. É urgente também se trabalhar no sentido de desconstruir a cultura do corpo, das aparências, das futilidades, do consumismo pois, “em um lugar onde a preocupação central é o exterior, não sobrar tempo para o requinte das virtudes, o esmerilhamento dos valores pessoais ou o aperfeiçoamento do bem coletivo” (Nascimento Neto, 2013, p. 9).

Considerando a afetividade um elemento essencial ao cotidiano das interações educativas, ela permite o diálogo, a escuta sensível, melhora a harmonia, o respeito, nutre a solidariedade, o aluno se sente acolhido, seguro e desenvolve sua criatividade, característica essencial para uma sociedade em constante transformação. Nessa perspectiva, valores e virtudes devem ser ensinados desde a infância, oportunizando ao sujeito a construção de uma vida mais consciente.

ATO 2 – O PRÍNCIPE GENTILEZA EM CENA



“[...] É um aprender que encanta,
Deixa a criança perspicaz,
Pois quando a história é boa,
Boas ações e astúcia traz:
Faz o moço ser menino,
E sem resistir ao destino,
Faz do velho um rapaz.

O seu domínio é sagaz.
Tudo pode a fantasia.
Se o texto vira teatro,
A todos ele contagia,
Pois a força de um drama
Desperta olhar, vira chama,
Cada canto tem magia.

Agradeço pela cortesia,
Pela graça e oportunidade,
Pude mostrar que bruxas
Lendas e fadas têm sagacidade,
Para explicar o que acontece
Quando o lúdico aparece
E recria a realidade!”

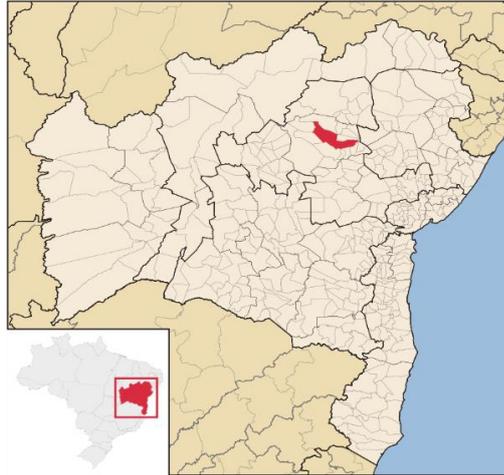
(Macedo, 2017, s/p)⁴

Aqui, apresentamos o espaço, os sujeitos da pesquisa, a seleção do material e as etapas da proposta de intervenção.

2.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO ESCOLAR

A proposta de intervenção foi aplicada no distrito do Novo Paraíso, município de Jacobina, com a população estimada em mais de 10.600 habitantes. Na Figura 2, apresentamos a localização da cidade de Jacobina no Estado da Bahia:

⁴ Cordel disponível em https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/passaporte_85/jose.pdf
Acesso: 18. nov. 2022.

Figura 2 – Localização de Jacobina na Bahia

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacobina> (2022)

O espaço escolar selecionado foi o Colégio Municipal Elvira da Costa Pinto Dias Pires⁵, que atende alunos moradores do centro distrital, bem como de povoados próximos e da zona rural.

A unidade escolar funciona em três turnos, matutino e vespertino com o Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano, Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano; e noturno com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Ensino Fundamental II. Para atender ao público estudantil composto de 847 discentes, a escola conta com uma diretora, três vice-diretores, três coordenadoras pedagógicas, 44 docentes efetivos, a maioria com carga horária de 40 horas, uma secretária, três porteiros, 13 auxiliares de serviços gerais e cinco merendeiras.

Quanto à estrutura física, o colégio é composto por 23 salas de aula, um auditório, uma pequena biblioteca, duas salas de coordenação, diretoria, secretaria, sala de professores, uma sala para atendimento de alunos especiais, cantina, refeitório, uma sala de multimídia, que atualmente está servindo de suporte para aulas de violão, dança e pintura do Programa *Brasil escola*,⁶ possui também um almoxarifado, uma quadra de esporte coberta e um quintal amplo. Toda essa estrutura é dividida em cinco pavilhões. A título de ilustração seguem algumas imagens da escola (Figuras 3, 4 e 5):

⁵ Localização do Colégio Elvira - Google Street View <https://goo.gl/maps/wj5kjjwphH86KCqGF6>. Acesso: 08. fev. 2022.

⁶ O programa tem por objetivo precípua induzir e fomentar estratégias e inovações para assegurar a permanência, as aprendizagens e a progressão escolar com equidade e na idade adequada dos estudantes matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental. Disponível em <https://www.gov.br/mec/pt-br/brasil-na-escola>. Acesso: 08. fev. 2023.

Figura 3 – Pátio escolar

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 4 – Biblioteca

Fonte: Acervo pessoal (2022)

Figura 5 – Pavilhão escolar

Fonte: Acervo pessoal (2022)

2.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS

Os sujeitos selecionados são da turma do 9º ano A, composta por 27 alunos, sendo 15 meninas e 12 meninos, com idades entre 14 e 15 anos, que apresentam defasagem de aprendizagem, agravada com o isolamento social de quase dois anos devido à pandemia do coronavírus. Vale ressaltar que a escola ofertou ensino remoto e atividades para os alunos desenvolverem em casa, porém, mesmo aqueles que conseguiram participar não desenvolveram competências e habilidades para avançarem, no entanto foram promovidos para o ano seguinte, o que salientou ainda mais as dificuldades de leitura, interpretação e escrita já antes conhecidas.

São alunos com pouca participação em eventos culturais e artísticos. Muitos encontram-se em situação de vulnerabilidade e consomem bebidas alcólicas, dentre outras substâncias não apropriadas para menores, além disso é comum e frequente a gravidez na adolescência entre as alunas do Fundamental II. O perfil disciplinar é condizente com a referida

faixa etária, conversas, brincadeiras, muitas vezes são indisciplinados, impacientes, agitados, agressivos, com baixa autoestima, sem perspectiva de uma vida com menos dificuldades e mais acesso aos direitos de cidadão. Vale ressaltar que após a pandemia surgiram casos de alunos com problemas emocionais nesta turma.

2.3 ESCOLHA DO MATERIAL

O material selecionado foi a narrativa *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023), de minha autoria, produzida com elementos contextualizados com a cultura local, focalizando valores humanos, tomando como base a lenda do Baobá e a história do *Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry (2015). Além de textos xerocopiados, cartões coloridos, painel das virtudes, fio de nylon, caneta hidrocor, coroa, cesta com rosas de diferentes cores, computador, *datashow*, vídeos, som, microfone, painéis, cenário da floresta, árvores, flores, plástico adesivo, figurinos: Raposa, Príncipe Gentileza, Baobá, Rosa, entre outros; caixa grande forrada, estojos de maquiagens, além de outros materiais especificados na descrição das etapas.

2.4 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Aqui apresentamos, detalhadamente, as etapas da proposta de intervenção pedagógica, dividida em 40 aulas.

Etapa I – Era uma vez... A Baobá

Duração: 2 aulas

Objetivo: identificar e refletir sobre alguns valores humanos – autoaceitação, sabedoria, empatia e a importância deles para o viver em sociedade.

Material: painel das virtudes, cartões coloridos, fio de náilon, caneta hidrocor, figurino da Baobá, papel adesivo do tipo contact.

Avaliação: exposição das escolhas discentes.

A sala deve estar organizada com as carteiras em forma de semicírculos, onde acontecerá o encontro com a Baobá (professora caracterizada) que contará de forma dramatizada a lenda da referida árvore, presente no conto *O Príncipe Gentileza*. Ao final os alunos serão convidados a se dirigirem até o quintal da escola onde existe uma goiabeira, a

professora distribuirá cartões coloridos e canetas hidrocor para que cada aluno escreva um valor humano, aquele que considera imprescindível para a sua vida. Neste momento, para auxiliar os alunos, deverá ser pendurado no galho da goiabeira um painel com diferentes valores: amor, justiça, persistência, otimismo, humildade, compaixão, empatia, perdão, honestidade, coragem, amizade, cooperação, respeito, responsabilidade, paciência, solidariedade, resiliência, prudência e honra. Cada aluno deverá socializar o valor escolhido, plastificar o cartão e pendurá-lo na goiabeira, formando a árvore dos valores da turma.

Etapa II – A Rosa do Planeta B612: relação intrapessoal e interpessoal

Duração: 3 aulas

Objetivo: refletir sobre as próprias atitudes, comportamento de membros familiares, amigos, pessoas em geral e como as atitudes podem desencadear consequências benéficas e maléficas, interferindo no relacionamento intrapessoal e interpessoal.

Material: cesta contendo rosas de diferentes cores, computador, *datashow*, vídeos, figurino de Rosa.

Avaliação: socialização das possíveis dificuldades de relacionamento com si mesmo e com o próximo.

A professora entra na sala caracterizada de Rosa, com uma cesta de outras rosas de diversas cores e convida os alunos para assistirem aos vídeos sobre relação intrapessoal⁷ e interpessoal⁸. Após a visualização dos vídeos, a docente explicará a diferença entre inteligência intrapessoal e interpessoal. Depois contará de forma dramatizada a segunda parte da história - *A Rosa do Planeta B612* do conto *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023). Logo após a docente distribuirá uma rosa para cada aluno dizendo: “Esta é a Rosa, você precisa conviver com ela”! Quem é a sua Rosa? Os alunos devem responder à pergunta, no caderno, considerando sua convivência com os outros e socializar com a turma. Depois assistirão outro vídeo sobre a Comunicação Não Violenta⁹. E por fim, socializarão a experiência.

Etapa III – De volta ao Planeta Terra: Avarento, Vaidoso e o Bêbado

Duração: 4 aulas

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K0WeW-4WDMk>. Acesso: 21 ago. 2022.
<https://www.youtube.com/watch?v=Jlj39r5Gjg0>. Acesso: 21 ago. 2022.

⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FV5R9CusQCA>. Acesso: 24 ago. 2022.

⁹ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=6pbpOV7_8RY. Acesso: 24 ago. 2022.

Objetivo: proporcionar condições para que o aluno se conscientize da necessidade de cultivar valores éticos para uma convivência harmoniosa em sociedade.

Material: computador, *datashow*, vídeos baixados no computador, painel em branco com o título – “O que é que minha terra tem?”, fotos da cidade de Jacobina, Paraíso e Capim Grosso, ressaltando especialmente os elementos descritos na história – serras, morros, cachoeiras, rios, Fórum Jorge Calmon, licuris, umbuzeiro, cartaz com nome vícios.

Avaliação: partilha das questões respondidas no caderno.

A sala estará com as carteiras em semicírculo, além da exposição de fotos na parede e cartazes relacionados à história *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023). A professora caracterizada de pilota, entra na sala e diz – “Apertem os cintos que a história vai continuar...”. Então serão distribuídos os livros com a narrativa e a docente deve fazer a leitura dramatizada da 3ª parte - *De volta ao Planeta Terra: Avaro, Vaidoso e o Bêbado*. Ao final os alunos receberão dois cartões, um verde e o outro vermelho, no primeiro devem elencar atitudes positivas e no outro – comportamentos negativos. E devem responder à pergunta do painel fixado na parede: “O que é que a minha terra tem?” Em seguida deverão compartilhar as respostas e colar os cartões no painel, de forma aleatória.

Após esse momento será exibido o vídeo em que a psicóloga Alcione Ricci aborda o tema vaidade¹⁰. Depois a professora abrirá espaço para discussões e comentários, perguntando “quem aqui é vaidoso ou quem conhece alguém vaidoso?”.

Em seguida será exibido o vídeo “O que é vício afinal?”¹¹, em que o psiquiatra Daniel Martins de Barros explica a diferença entre vício e dependência. Depois os alunos deverão responder individualmente, no caderno, as seguintes questões: 1- Para você, o que é vício? 2- Por que algumas coisas podem viciar? 3- Qual vício os outros têm e que mais incomoda você? 4- É possível transformar vícios em virtudes? Comente. Depois as respostas serão compartilhadas.

Etapa IV – O Príncipe Gentileza, a Raposa e a escola em cena

Duração: 3 aulas

Objetivo: refletir sobre os valores – amizade, respeito, responsabilidade, cooperação e comprometimento a fim de conscientizar sobre a relevância da amizade.

¹⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=s3b468jrII4>. Acesso: 25 ago. 2022.

¹¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OD-4tt8pS9w>. Acesso: 25 ago. 2022.

Material: cenário de floresta, árvore, figurino da Raposa e do Príncipe Gentileza, coroa, caixa de som, microfone, enxada.

Avaliação: partilha das emoções observadas durante a cena.

A sala estará organizada em círculo e a professora encenará, caracterizada de Raposa ao lado de um convidado caracterizado de Príncipe Gentileza, a parte da narrativa *A Raposa*. Depois haverá outra encenação, agora no cenário escolar, em que a docente Raposa, o convidado Príncipe, outro convidado assumindo o papel de um trabalhador apressado e as crianças da escola, representadas pelos alunos da turma, considerando um narrador, assumirão os respectivos personagens do enredo narrativo na parte *O Príncipe Gentileza e a escola em Paraíso*. Após as encenações a professora narrará a história inteira *O Príncipe Gentileza* incluindo a última parte *Segunda viagem ao Planeta B612: a despedida*. Ao final os alunos irão partilhar as emoções observadas durante a narrativa.

Etapa V – Elementos do conto

Duração: 3 aulas

Objetivo: ler e conhecer o gênero conto com suas características.

Material: computador, *datashow*, *slide* contendo os elementos da narrativa, livro *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023).

Avaliação: partilha das respostas sobre os elementos da narrativa do conto *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023).

A professora iniciará a aula perguntando se os alunos recordam quais elementos compõem uma narrativa, logo após apresenta os elementos do conto segundo Gancho (2006). Em seguida, passará para a leitura do conto que será, também, realizada por mais alguns alunos que se prontificarem. Após a leitura oral, será iniciada discussão e interpretação coletiva do conto *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023). Primeiro a professora perguntará sobre os assuntos abordados no conto e as correlações com a nossa realidade social, após as respostas, apresentará a definição de valores e virtudes, salientando que beleza é um valor, mas não é uma virtude, e que respeito é tanto valor quanto virtude (Pedro, 2014), pois toda virtude é um valor, mas nem todo valor humano é uma virtude. A virtude está conectada com as questões morais, com práticas positivas do ser: amar, ser solidário, honesto, bondoso...

Posteriormente os alunos deverão responder oralmente quais são as virtudes e os valores que eles identificam no conto lido. A professora elenará no quadro as respostas dos alunos.

Em seguida deverão identificar, por escrito no caderno, os elementos do conto *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023).

Etapa VI – Oficina de teatro

Duração: 4 aulas

Objetivo: oportunizar ao aluno vivências teatrais, por meio de exercícios de conscientização corporal e dinâmicas teatrais, potencializando o desenvolvimento da espontaneidade criativa, dentre outros aspectos emocionais, ajudando na superação da timidez.

Material: corpo e voz de Joelma Gisele.

Avaliação: exposição oral sobre a vivência teatral.

Esta oficina será realizada pela professora e atriz, Joelma Gisele, convidada da cidade de Jacobina. Segundo a mesma, para esta oficina os alunos deverão usar roupas confortáveis. Na primeira parte serão realizados alongamentos, exercícios de respiração e a dinâmica quebra gelo: o sol, a chuva, o mar e o chão. Depois será trabalhado individualmente corpo, rosto e voz por meio de movimentos livres, individuais, em dupla e coletivamente; movimentos induzidos de ação, reação e ocupação do espaço cênico; exercícios de expressão facial, tom da voz, impostação. Na última parte os alunos serão conduzidos a uma interpretação juntando todos os elementos trabalhados e devem partilhar como foi a experiência.

Etapa VII – Produção de enredos narrativos

Duração: 3 aulas

Objetivo: produzir enredos narrativos a partir dos valores x vícios trabalhados nas aulas anteriores.

Material: narrativa *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023), caixa grande forrada contendo um livro, lápis, borracha, caneta, celular, uma redoma (pequena), uma rosa, pena, uma gaiola, uma latinha de bebida alcoólica, foto de uma raposa, um pote de ouro ou um baú, peça de roupa arrumada, bijuterias, tarjas com valores e vícios – sabedoria, ignorância, beleza, vaidade, avareza, solidariedade, gentileza, coragem, perdão, paciência, que aparecem no conto *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023).

Avaliação: criação de enredo narrativo sobre valores humanos e vícios.

Os alunos serão convidados a se sentarem no chão, em círculo e no centro será colocado a caixa com os elementos citados. A professora pedirá que um aluno voluntário abra a caixa, retire todos os elementos de dentro, espalhando-os dentro do círculo, depois todos serão convidados a colocar as palavras próximas aos respectivos objetos. Depois a professora intermediará uma conversa a respeito das relações que eles fizeram e em seguida, a sala será dividida em três equipes para a construção dos enredos teatrais sobre as seguintes temáticas:

Equipe 1 – *O poder da gentileza*

Equipe 2 – *A vaidade do ser humano*

Equipe 3 – *O valor do perdão*

Após as produções, a professora fará a correção e orientação para que as equipes façam a revisão final dos textos.

Etapa VIII – Construção do texto teatral

Duração: 5 aulas

Objetivo: construir texto teatral para encenações.

Material: produção textual dos alunos, texto teatral *Uma Rosa é uma rosa* (Rabelo, 2007), datashow, vídeo da *Peça Gentileza - Oficina de Teatro Karen Godoy*.

Avaliação: adaptação do texto narrativo para o texto teatral.

A professora distribuirá cópias do texto teatral *Uma Rosa é uma rosa* (Rabelo, 2007). Será feita uma leitura em voz alta partilhada, logo após alguns alunos voluntários assumirão os personagens e realizarão a leitura dramatizada. Em seguida, a professora explicará a respeito das características do texto teatral e juntos assistirão à *Peça Gentileza*¹² - Oficina de Teatro Karen Godoy.

Para a construção do texto teatral, as mesmas equipes da **Etapa VII** deverão retomar o enredo e detalhar onde acontecem os fatos (espaço cênico), como é o local (que adereços vão compor o espaço cênico), como se vestem (figurino), quantos personagens estarão na cena, a que horas ocorre a cena, se usará alguma trilha sonora, que mensagem intencionalmente querem passar ao público. As equipes devem criar diálogos e finalizar o texto teatral para ser encenado na mostra teatral. Será distribuído o seguinte roteiro para cada equipe:

Título; Resumo; Personagens; Cenário; Figurinos; Iluminação (se houver); Música/sonoplastia Diálogos; Local da apresentação – auditório da escola.

¹² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PXAAaBHMgYgdg>. Acesso: 25 ago. 2022.

Etapa IX – Ensaio

Duração: 8 aulas

Objetivo: ensaiar a encenação da narrativa, testar a maquiagem e provar o figurino.

Material: figurinos, acessórios, estojos de maquiagens.

Avaliação: compartilhamento oral ou por imagens sobre a experiência vivenciada.

Nesta etapa, os alunos deverão levar suas vestimentas, o que tiverem em casa, para a escola, testar a maquiagem com o auxílio da professora de Ciências, Janecleide, e encenar a produção adaptada para o texto teatral. Durante os ensaios teremos a participação da referida docente que dará uma aula sobre postura cênica, empostação de voz e auxiliará os alunos, juntamente com a professora de Língua Portuguesa, nos ensaios. Também teremos a participação da professora de Artes, Suraide, auxiliando na produção dos cenários e na organização do auditório. Ao final da atividade os alunos expressarão verbalmente ou por desenho o que sentiram com a atividade.

Etapa X – Encenação *O Príncipe Gentileza*

Duração: 5 aulas

Objetivo: socializar, através da encenação, a história produzida, ressaltando valores e vícios do ser humano.

Material: som, microfone, maquiagem, figurino, painel de valores, (painel com Raposa, Rei Avarento, Capitão Vaidoso, Rosa, Bêbado, Baobá, Príncipe Gentileza) painel com fotos da cidade de Jacobina, ressaltando especialmente os elementos descritos na história.

Autoavaliação: os alunos farão uma análise por escrito da proposta de intervenção, considerando os momentos mais significativos e mais desafiadores; se conseguem compreender melhor os próprios valores e a importância deles na vida em sociedade; se estão mais conscientes a respeito de suas ações; se estão colocando em prática os valores que consideram importantes; como foi participar das etapas, se houve alguma mudança na forma de pensar e de se comportar com os amigos e familiares.

A apresentação acontecerá no auditório da escola. As comunidades escolar e externa serão o público convidado que poderão participar, ao final, com perguntas e comentários. As encenações e as partilhas das experiências com os convidados serão realizadas em duas sessões, devido ao espaço não comportar todos os alunos da escola.

ATO 3 – DO CONTO AO PALCO: VIVÊNCIAS E PRÁTICAS

“Na realidade de alerta e nas demandas humanas afetivas em que se vive hoje, é preciso atentar-se para a gentileza como mais óbvio e sincero caminho para se aprender na convivência em sala de aula” (Wendell, 2012, p. 4).

Nesta seção, analisamos a implementação da proposta de intervenção pedagógica aplicada na qual buscamos proporcionar aos alunos experiências literárias dramatizadas, nas etapas, com o intuito de engajar os alunos na reflexão sobre os valores humanos, estimulando a imaginação, criatividade, habilidade de gerenciar emoções e desenvolvimento de consciência crítica.

3.1 Era uma vez... A Baobá - **Etapa I**

Os alunos foram conduzidos à sala de leitura, onde as carteiras estavam dispostas em formato de semicírculo e tapetes espalhados pelo chão. Eu os recebi caracterizada como uma "árvore", usando um vestido marrom e um chapéu de palha coberto de folhas verdes. Ao entrarem na sala, alguns alunos se mostraram surpresos e inquietos, fazendo perguntas do tipo "O que é isso, professora?", mas eu me limitei a dizer: "Sejam bem-vindos, nossa aula já vai começar".

Após todos se acomodarem, iniciei contando a história da árvore Baobá. Utilizei recursos da entonação de voz, expressões faciais e gestos para envolver os alunos. Em seguida, mostrei o cartaz com os valores humanos e perguntei sobre os mesmos presentes na história. Após alguns comentários fomos até a goiabeira, a fim de que pudessem se conectar com a natureza e fazer uma associação com a árvore da história contada.

Depois retornamos para a sala de aula, distribuí cartões coloridos, canetas hidrocor e cada aluno registrou um valor que considerava mais importante, posteriormente eles plastificaram com papel adesivo do tipo *contact*. Então houve a partilha dos valores selecionados e retornamos à goiabeira para pendurar, com fio de náilon, os referidos valores, conforme pode ser observado na Figura 6:

Figura 6 – A goiabeira de valores



Fonte: Acervo pessoal (2023)

No final, reforcei a ideia de que todos aqueles valores eram importantes para a construção de um ambiente harmonioso.

No dia seguinte, os alunos descobriram que alguém havia destruído todo o trabalho da turma, causando frustração e indignação em alguns alunos, diante do fato lembrei a eles que não temos controle sobre as ações e atitudes dos outros e, que diante das adversidades da vida, somos desafiados a não desanimar, mas é preciso resiliência e persistência a fim de criarmos um ambiente harmonioso onde todos sejam respeitados.

E perguntei o que deveríamos fazer diante do ocorrido e, um aluno disse, “vamos pedi a gravação das câmeras, descobrir quem foi e dá uma surra nele.” Outro aluno também respondeu, “a diretora tem que dá uma semana de suspensão”. Várias outras ideias foram sugeridas, todas elas no sentido de castigar fisicamente e moralmente a(s) pessoa(s) que tinha(m) cometido o fato. Então fiz a pergunta – será que esse é o melhor caminho? Pensem sobre isso, procurem outras alternativas e depois voltaremos a falar sobre esse fato lamentável.

As respostas dos alunos demonstram uma reação impulsiva e retributiva, baseada na revolta, indignação e sinaliza uma limitação na capacidade de lidar com situações difíceis de forma mais flexível e resiliente, com base em princípios éticos como sinaliza a competência de número dez da BNCC.

Esta atividade marcou o início da aplicação da proposta pedagógica, comprovando o pensamento de Fiorindo e Wendell (2017) quando enfatizam sobre a importância do lúdico, na sala de aula, para despertar o interesse dos alunos e tornar o aprendizado mais significativo. Coaduna também com Antunes (2015) que ressalta a reflexão ética, a construção de valores e o desenvolvimento da consciência existencial como parte essencial do processo educacional.

3.2 A Rosa do Planeta B612: relação intrapessoal e interpessoal **ETAPA II**

Entrei na sala vestida da personagem Rosa, carregando o *notebook* e o retroprojetor. Os alunos me olharam com cara de indagação e uma aluna perguntou – “O que é isso, professora?” e outra – “Todo dia vai ser assim agora, é?” Eu apenas sorri e disse “nossa aula já vai começar.” Ao terminar de montar o equipamento, reproduzir um trecho do filme *Divertida mente* (ver *link* na p. 39), em que revela as emoções como alegria, tristeza, medo, nojo e raiva, logo após, eles assistiram a um trecho do filme *Coach Carter-Treino para a vida* (ver *link* na p.39) e, em seguida, reproduzi o vídeo explicativo sobre relacionamento intrapessoal e interpessoal. Alguns alunos fizeram comentários de que já tinham assistido aos filmes, então dialogamos sobre os conteúdos abordados nos vídeos, procurando compreender melhor cada tema e relacioná-los à nossa vida.

Posteriormente, solicitei a atenção de todos e disse: “agora chegou o momento de conhecer a história da *Rosa do Planeta B612*, prestem atenção”. Conteí a história, de forma dramatizada e depois passei a cesta para que cada aluno escolhesse uma rosa, à medida que eles pegavam eu repetia a frase “Esta é a sua rosa, você precisa conviver com ela! Quem é a sua Rosa?” Depois escrevi no quadro a seguinte proposta: Considerando os vídeos assistidos e a história de Rosa, que nos incentivam a refletir sobre nossa relação conosco e com o mundo, redija um texto reflexivo em que revele como é o seu relacionamento consigo mesmo (intrapessoal) ou com outra pessoa que simbolize a sua rosa (interpessoal). A título de ilustração, seguem alguns registros da **Etapa II** (ver Figuras 7 e 8):

Figura 7 – Escolha das rosas



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 8 – Preparando projeção de vídeos



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Todos os alunos presentes fizeram anotações no caderno, porém vários deles não se sentiram confortáveis para socialização com os colegas, preferindo que apenas eu lesse o texto produzido. Percebi que alguns alunos foram mais profundos nas reflexões, porém vários se limitaram a dizer que a rosa era a sua mãe e que o relacionamento entre eles era bom, outros disseram que a rosa os representava e outros demonstraram dificuldade em fazer a relação entre o conteúdo dos vídeos com sua própria realidade.

A título de ilustração, seguem algumas respostas orais, proferidas pelos alunos na medida que eu ia fazendo os questionamentos para auxiliá-los na organização do pensamento e da escrita do texto reflexivo solicitado. Consideramos P para professora e as demais letras para alunos:

P: - Como era o relacionamento de Rosa com o Príncipe Gentileza e Sabedoria, existia conflitos?

A: - Era bom.

T: - O relacionamento entre eles era difícil, Rosa respondia mal, mas mesmo assim eles conviviam conversando.

P: - Como você lida quando surgem as divergências e os problemas nos seus relacionamentos?

A: - Ah, professora, sei lá... fico com raiva.

W: - Quando fico com raiva, não falo com a pessoa.

P: - Em que situações as emoções elencadas pelos vídeos aparecem nos seus relacionamentos?

F: - Todo mundo sente aquilo, raiva, nojo, tristeza, alegria, medo...

C: - Meu irmão gosta de subir na árvore e tenho medo dele cair.

P: Cite alguma consequência que você sofreu em decorrência da falta de controle de alguma emoção abordada nos audiovisuais.

E: Eu já fiquei com tanta raiva que joguei uma cadeira em um colega, fui para a diretoria e quase fui expulso da escola.

B: Eu respondi minha mãe e levei um puxão de orelha.

Nessa situação, é notório a existência de alguns alunos pouco familiarizados com a prática de reflexão e autoconhecimento. Os questionamentos proporcionaram oportunidades para eles refletirem sobre seus relacionamentos e emoções, possibilitando o aprimoramento de seus conhecimentos. O que nos faz lembrar de Kleiman (2002) quando ressalta que é durante a interação que o aluno é estimulado a refletir, elaborar argumentos e aperfeiçoar seu conhecimento.

Posteriormente, projetei o vídeo sobre a Comunicação Não Violenta (ver *link* na p. 39), em seguida perguntei se eles haviam entendido o que era a CNV, alguns alunos tentaram responder, então juntos fomos conversando e chegamos à conclusão de que era uma comunicação respeitosa, sem ofensas e julgamentos, em que os indivíduos mesmo diante de conflitos buscam agir de forma pacífica e dialógica, lembrando que somos todos seres humanos, com necessidades, e por isso precisamos aprender a nos colocar no lugar do outro, exercitando a compreensão para que haja eficácia na comunicação e harmonia nos relacionamentos.

Chamei a atenção da turma e relembrei o fato ocorrido com a nossa “Goiabeira de valores”, perguntei se as soluções sugeridas por eles para a(s) pessoa(s) que tinha(m) praticado a ação de destruição, levavam em conta a CNV. Eles responderam “não”. Então perguntei sobre quais soluções seriam mais adequadas para promover um ambiente de respeito, levando em consideração os valores pendurados na goiabeira. Surgiram soluções como – “conversar com a pessoa pra saber o porquê fez aquilo.” “Dizer que agiu errado e terá que arcar as consequências.” “Tem que levar para o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) pra tratamento porque deve ter problemas mentais”. Isso sinaliza uma mudança de percepção por parte deles, significa que pensaram sobre seus valores e internalizaram conceitos da comunicação não violenta.

Por fim, perguntei à turma o que tinha achado de participar daquelas aulas e se alguém poderia falar sobre sua experiência. Alguns alunos se posicionaram dizendo “legal”, “foi bom”, “foi diferente das outras aulas, por isso gostei”, “gostei dos assuntos”. Foi possível perceber que as indagações e reações de surpresa demonstram impacto positivo, despertando interesse na participação da atividade, no engajamento da turma, proporcionando um olhar diferente do primeiro momento para solução de conflitos.

3.3 *De volta ao Planeta Terra: Avarento, Vaidoso e o Bêbado* **Etapa III**

Os alunos foram conduzidos para outra sala de aula, mais adequada, a fim de expor fotos e cartazes nas paredes que estavam pintadas.

Assim vestida de pilota, fui até a sala e disse: "Venham comigo, apertem os cintos, porque a história vai continuar". Após todos se acomodarem, distribuí os livros, que estavam dentro de uma caixa de presente e solicitei que abrissem na página 12. Em seguida, fiz a leitura dramatizada da 3ª parte, intitulada *De volta ao Planeta Terra: Avarento, Vaidoso e o Bêbado*. Nesse momento, a diretora e a coordenadora chegaram à sala e fizemos uma pausa para registrar o momento com fotos (Figura 9):

Figura 9 – Entrega do conto



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Em seguida, fiz uma recapitulação da história da Baobá e da Rosa, chamando atenção para o fato de que o episódio lido no momento abordava alguns vícios humanos. Perguntei se alguém gostaria de comentar. Uma aluna disse que o que mais tinha ali na sala era viciado em bebida. Ela pegou o celular e veio em minha direção para mostrar um vídeo dela própria com a outra colega, virando uma garrafa de bebida na boca. Fiquei surpresa e ela disse: “Isso é normal, professora, a gente ‘tava’ se divertindo!” Vários alunos quiseram ver o vídeo, outros começaram a citar exemplos relacionados a situações com bebidas. Nesse momento mantivemos o seguinte diálogo, consideramos P – professora e as demais letras os alunos:

P: - Vocês não acham que existem outras formas de diversão que não envolvam o álcool?

A: - Dá energia, professora!

P: - Vocês conhecem alguém que começou a beber muito cedo e que hoje sofre com as consequências da bebida?

B: - Claro que tem, professora, respondeu um aluno.

P: - Será que a nossa postura de hoje não vai influenciar no nosso futuro?

C: - É só ter cuidado pra não embebedar e acordar com um desconhecido. Você não pode beber qualquer coisa que lhe oferece em festas, alguém pode colocar alguma coisa dentro.

As falas revelam o contexto de vida desses estudantes, que consideram a atitude de beber normal, ou seja, estão na “normose” (Weil, Leloup e Crema, 2003) em que o vício, mesmo sendo negativo, torna-se normalidade, pois não existe consciência por parte deles. Nessa perspectiva, eles repetem o que a maioria faz.

Distribuí um cartão verde e outro vermelho a todos os alunos, então pedi que observassem as imagens na parede e pensassem em outros elementos marcantes existentes em nossa região, que lembrassem dos valores já mencionados, nas primeiras aulas, chamando

atenção, para a existência de comportamentos negativos - os vícios mencionados no livro *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023).

Posteriormente, solicitei que respondessem à pergunta, que estava no painel, colocando as atitudes positivas no cartão verde e as negativas, no cartão vermelho. Houve a partilha das respostas e, depois, eles colaram os cartões no painel (ver Figura 12). Dei a opção de usar o microfone para os alunos que falavam muito baixo, alguns quiseram, outros preferiram elevar a voz para que todos pudessem ouvir sem precisar do equipamento. As respostas dos alunos destacaram a natureza e a comida como elementos positivos, para o negativo violência e drogas. Na Figura 10, a aluna cola sua resposta no painel:

Figura 10 – Dinâmica- O que é que a minha terra tem?



Fonte: Acervo pessoal (2023)

O vídeo abordando o tema vaidade (ver *link* p. 40) foi exibido, percebi que durante a fala da psicóloga Alcione Ricci vários alunos estavam dispersos, pausei o vídeo e perguntei o que era vaidade, de acordo com a psicóloga. Um aluno respondeu que vaidade era gostar de se arrumar. Então indaguei – “é isso que a psicóloga está dizendo?”. A partir daí houve silêncio e maior concentração. Depois iniciei a conversa perguntando “quem aqui é vaidoso(a)?”. Houve uma participação significativa, muitos queriam falar ao mesmo tempo, outros comentavam entre si, gerando um tumulto e dificuldade de escuta. Precisei intervir várias vezes solicitando que o espaço de fala fosse respeitado.

O fato é que o tema despertou interesse e a sala participou ativamente da discussão abordando o lado positivo e negativo da vaidade. Uma aluna disse que todo mundo é vaidoso e isso é importante porque faz a pessoa se cuidar, se arrumar, andar bonita; outra lembrou que a vaidade já tinha matado muita gente através das cirurgias plásticas e remédios; outra aluna revelou que se tivesse dinheiro iria fazer várias plásticas e um colega indagou, “e ia correr o

risco de morrer e o dinheiro ficar todo aí?” Uma aluna lembrou do que a psicóloga do vídeo havia mencionado que a vaidade em excesso faz a pessoa ser infeliz, porque a pessoa vaidosa só quer se aparecer, chamar atenção e quando não consegue, fica mal.

Quando perguntei sobre a avareza, alguns alunos sentiram dificuldade com o significado, mas logo fizeram relação com o comportamento do Rei Avarento e um aluno respondeu, “é alguém que só pensa nele mesmo, quer tudo para ele, só pensa em dinheiro, em conquistar bens materiais, nem pensa nos outros.” Uma aluna revelou que conhecia uma pessoa avarenta e em tom de brincadeira disse que essa pessoa estava ali na sala.

No final, outra aluna comentou: “essa deveria ser a nossa sala”, então indaguei: Faz diferença assistir aula aqui? Ela juntamente com algumas colegas responderam em coro, “Faz!” Isso reforça a ideia de que o ambiente pode influenciar no bem-estar e na disposição dos estudantes.

Por fim, foi exibido o vídeo em que o psiquiatra Daniel de Barros (ver *link* p. 40) explica sobre vícios e dependência. Após, os alunos responderam às perguntas escritas no quadro: 1- Para você, o que é vício? 2- Por que algumas coisas podem viciar? 3- Qual vício os outros têm e que mais incomoda você? 4- É possível transformar vícios em virtudes? Comente. Alguns alunos socializam as suas respostas, outros preferiram não ler.

A seguir, exemplos das respostas dos alunos:

Questão 1

K: - Vício é quando alguém não consegue parar de fazer algo, mesmo sabendo que é errado e pode se prejudicar.

P: - É uma coisa que se faz todos os dias sem perceber e não para porque gosta.

Questão 2

W: - Só vicia aquilo que é bom e a pessoa gosta. Jogar videogame pode viciar porque é muito bom vencer e passar de fase, a pessoa se sente bem.

T: - A bebida vicia porque deixa a pessoa mais solta, mais alegre, dá coragem; sem a bebida a pessoa é outra.

Questão 3

P: - Vício de chupar dedo, me dá uma agonia ver uma menina enorme na fila da merenda com o dedo na boca, o povo fala e ela nem liga.

C: - Vício em drogas incomoda porque a pessoa pode fazer o errado e depois nem lembrar.

Questão 4

I: - Acho que não pode porque vício é algo exagerado e difícil. Tem gente viciado em drogas que vai para casa de recuperação, depois volta para o consumo.

H: - Acho que pode, a pessoa tem que ter força de vontade, tem gente que era viciado em beber e hoje ajuda outras pessoas a se livrarem da bebida.

As respostas dos alunos indicam a percepção de que certos vícios podem ser desconfortáveis para os outros, seja devido a hábitos cotidianos considerados “normais” ou a

vícios que acarretam consequências mais graves como, por exemplo, o uso de drogas. Muitos alunos acreditam que, por meio da força de vontade e do autoconhecimento, é possível transformar comportamentos viciantes em atitudes virtuosas (Torralba, 2015). Esse entendimento aponta para a possibilidade de um caminho positivo na superação de vícios e na promoção de uma vida mais equilibrada, responsável e ética.

Finalizei essa etapa apenas com oito alunos na sala de aula, os outros não compareceram, segundo eles, em protesto, em decorrência do município ter decretado ponto facultativo, e a Secretaria de Educação utilizar o dia para repor aula devido ao atraso, no início do ano letivo, devido à intoxicação alimentar da maioria dos professores que almoçaram no espaço onde aconteceu a jornada pedagógica.

Nesta Etapa, pude vivenciar a criação de um ambiente verdadeiramente participativo e envolvente. A abertura para abordar assuntos complexos e desafiadores criou um espaço seguro para compartilhar vulnerabilidades, conhecer melhor os integrantes do grupo e suas perspectivas, aprender com as experiências uns dos outros, proporcionou espaço para questionamentos e diversidade de opiniões relacionadas ao consumo de álcool e drogas, vaidade e avareza, o que trouxe enriquecimento das discussões.

3.4 O Príncipe Gentileza, a Raposa e a escola em cena **ETAPA IV**

Antes do início da aula, na sala, inseri uma árvore feita de PVC, com galhos verdes ao pé dela, posicionei a caixa de som e o microfone, vesti-me com o figurino de Raposa e meu convidado, Gilson, agente de portaria da escola, de Príncipe. Seu Manuel, porteiro da escola, estava caracterizado de trabalhador do campo.

Quando os alunos adentraram o espaço estavam todos em silêncio atípico, vários demonstravam insatisfação, outros com deboche murmuravam HUM, hum hum, huum hum, em uma tentativa talvez de desestabilizar os atores que se mantiveram em suas posturas confiantes. Conforme o combinado, uma aluna pegou o microfone e começou a narrar o encontro do Príncipe Gentileza com a Raposa (ver **ANEXO 3**), seguindo o *script*, a cena foi realizada em forma de diálogo e enquanto ocorria não se ouvia nenhum sinal de conversas paralelas. Na Figura 11, aparecem a Raposa e o Príncipe Gentileza:

Figura 11 – Encenação em sala de aula



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Ao serem convidados para o pátio, alguns alunos esboçaram desconforto, mas todos seguiram a narradora, o Príncipe e a Raposa. Ao avistarem o porteiro “Nezinho” como é carinhosamente chamado pelos alunos, alguns comentários puderam ser ouvidos “Olha pra Nezinho, (risos)”, “Vai Nezinho (risos)” “Pra quê essa enxada?”. As alunas convidadas, com muita timidez não se aproximaram do Príncipe e falaram muito baixo, não se fazendo entenderem e alguns reclamaram dizendo “não estou ouvindo nada”, “não entendi nada”. Finalizando a encenação, o Príncipe Gentileza falou sobre o *bullying*, incentivando todos a refletirem sobre esse tipo de atitude que acontece tanto presencialmente quanto através das redes sociais (Figuras 12 e 13):

Figura 12 – Encenação no pátio da escola



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 13 – Gentileza, o Camponês e a Raposa



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Ao voltarmos para a sala de aula, pedi para que os alunos abrissem o conto *O Príncipe Gentileza* e, ainda caracterizada de Raposa, inicie a leitura oral do referido conto e passei a vez para outro aluno, foram cinco os alunos que se sentiram à vontade para realizar a leitura em voz alta. Após a leitura, a fim de que eles pudessem organizar melhor o pensamento para o momento da partilha, escrevi a proposta no quadro: “Chegou a hora de refletir e expressar suas impressões e emoções, organize seu texto no caderno. Primeiramente, selecione os momentos que mais chamaram sua atenção durante a encenação, destacando os personagens que despertaram empatia em você ou os momentos que geraram reflexão. Em seguida, descreva as emoções que você experimentou ao presenciar as interações entre as personagens. Explique como essas emoções se relacionam com os valores de amizade, respeito, responsabilidade, cooperação e comprometimento abordados na encenação. Sinta-se à vontade para se expressar.”

As reações iniciais de insatisfação e deboche foram superadas e não refletiu negativamente no entendimento e partilha sobre a encenação. Elas podem estar relacionadas com o fato deles terem sido obrigados pela direção da escola a aguardarem a aula, pois os mesmos estavam com horário vago da aula anterior e eu estava ministrando aula em outra sala.

Vale ressaltar que alguns alunos preferiram não realizar a atividade escrita e na hora da partilha fizeram comentários, “gostei”, “achei muito curta”. Outros alunos produziram textos mais expressivos informando a respeito do que tinham presenciados, expressando suas opiniões. Alguns alunos não quiseram verbalizar o que tinham escrito, pediram apenas para que eu fizesse as leituras.

A seguir paráfrases de trechos dos textos produzidos pelos alunos:

A: Disse que achou a Raposa gentil e o Príncipe engraçado, pois estava parecendo alguém importante.

B: Falou da falta de respeito das crianças para com o Príncipe e afirmou ser uma atitude que acontece na vida real onde as pessoas julgam os outros, sem conhecimento, e acabam criando uma imagem preconceituosa da pessoa.

C: Revelou em seu texto que tinha gostado do diálogo da Raposa com o Príncipe, principalmente da parte em que a Raposa fala sobre cativar e que o essencial é invisível aos olhos, destaca também o momento do discurso do Príncipe sobre o *bullying*.

D: Escreveu que o momento que mais lhe chamou atenção foi a conversa entre a Raposa e o Príncipe, pois existiu ensinamentos e mesmo sem a Raposa conhecer o garoto direito, ela foi amorosa, educada e simpática.

E: Enfatizou a inteligência da Raposa e a forma de atuação do homem do campo, que arrancou risos da plateia.

Diante das paráfrases, observamos que os alunos compreenderam vícios e valores humanos, por meio das atitudes dos personagens como, por exemplo, a gentileza e empatia da Raposa; a falta de respeito das crianças com o príncipe - *bullying*; a criação de vínculo pela ação de cativar; além do humor destacado na personagem do homem do campo.

3.5 Elementos do conto **ETAPA V**

Comecei a aula perguntando aos alunos se eles lembravam dos elementos essenciais de uma narrativa; alguns responderam que não e outros citaram alguns dos elementos. Com o auxílio do *slide* na parede relembramos que o conto é uma narrativa curta, chamei atenção para o elemento conflito que faz parte do enredo e no conto tradicional é condensado.

Em seguida abrimos uma conversa sobre o conto *O Príncipe Gentileza*, perguntei o que eles tinham achado da história. Depois projetei na parede dois questionamentos: Quais assuntos podemos identificar no conto e quais analogias podemos fazer com a nossa realidade social? Eles começaram a falar e eu fui escrevendo no quadro, fazendo questionamentos para o aluno aprofundar o assunto, quando suas respostas eram limitadas. Eles disseram que um dos temas era “amor” então perguntei “onde está o amor nessa narrativa? “na Rosa”, respondeu uma aluna, “ela na verdade era apaixonada pelo Príncipe”, então perguntei, Rosa era arrogante? Respondeu que sim, então continuei, Rosa amava o Príncipe e o tratava com arrogância? Uma aluna disse, “sim, ela queria disfarçar”.

Então chegamos à conclusão de que Rosa só reconhece seu amor quando sente que o Príncipe vai embora, ela que até então se sentia frágil, compreende que é necessário enfrentar desafios e estar aberta às experiências para conhecer a verdadeira essência da vida. Então perguntei, esse tipo de situação acontece na vida real? “Claro, professora! Tem gente que só dá valor depois que perde”.

Foi dentro dessa perspectiva dialógica que elencamos no quadro, além do já citado, os seguintes assuntos presentes no conto *O Príncipe Gentileza* - vaidade (Vaidoso); *bullying* (alunos do Elvira); amizade, empatia, amor (Raposa); autoaceitação (Baobá); diversidade e respeito às diferenças (o Criador); avareza, arrogância (Avarento); alcoolismo (Bêbado); gentileza (Príncipe).

Depois expliquei a diferença entre virtudes e valores e perguntei: “Quais são as virtudes e os valores que podemos identificar no conto *O Príncipe Gentileza*? E fixei na parede o cartaz dos valores já utilizado na **ETAPA I**. Os alunos responderam e eu fui registrando no quadro – gentileza, amor, perdão e gratidão como valores e virtudes; e - amizade, beleza, simplicidade, humildade apenas como valores humanos. Houve discordância em relação à palavra “humildade”, alguns alunos afirmaram que deveríamos classificar como virtude, pois era uma característica importante que todos deveriam possuir.

Depois orientei-os a identificarem, por escrito, os elementos no referido conto – personagens, espaço, narrador, tempo, enredo. Circulei pela sala, auxiliando os alunos.

Posteriormente, houve a partilha da identificação dos personagens principais - O Príncipe Gentileza, Rosa, Baobá, o Criador, Rei Avarento, Capitão Vaidoso, Bêbado, Raposa, estudantes, e personagens secundários – o gavião transportador, o trabalhador do campo, as pessoas que o príncipe encontrou em Paraíso; espaço – Planeta Terra, Planeta B612, Capim Grosso, Jacobina, Paraíso; narrador – a história é contada em terceira pessoa, com um narrador onisciente que conhece os pensamentos e sentimentos dos personagens; tempo – a história se desenrola em diferentes períodos de tempo, desde a criação da primeira árvore (Baobá) no Planeta Terra até o retorno do Príncipe Gentileza ao Planeta B612.

Quando eu perguntei sobre o conflito do conto, chegamos à conclusão de que no conto, *O Príncipe Gentileza*, o conflito não é claramente delineado, mas existem alguns elementos de tensão e desafios que consideramos conflitos, embora apareçam de forma sutil, como observamos no início do conto. A Baobá se sente desengonçada e inadequada em comparação com outras árvores do jardim e por isso entra em conflito interno ao questionar sua própria existência e perder o sentido de sua importância.

Outros conflitos aparecem focado nas reflexões e aprendizados do Príncipe Gentileza durante os encontros com as personagens, como por exemplo, a resistência da Rosa em aceitar os desafios e adversidades da vida, simbolizados pelo vento forte e sua busca por proteção e isolamento em uma redoma. Isso representa uma reflexão sobre como algumas pessoas enfrentam os problemas na vida real, evitando o desconforto e buscando se isolar, mas sem perceber que é justamente nos desafios que encontramos crescimento e aprendizado. Diante do exposto, verificamos que *O Príncipe Gentileza* não é um conto tradicional com espaço, tempo e conflito condensados.

Nesta Etapa recapitulamos os elementos da narrativa, visto que o conhecimento deles é crucial para a formação de leitores mais críticos e reflexivos, capazes de apreciar e compreender a literatura em um nível mais profundo.

3.6 Oficina de teatro **ETAPA VI**

No dia anterior à oficina de teatro os alunos foram avisados que deveriam, se possível, utilizar roupas confortáveis. A oficina foi iniciada com a apresentação pessoal da professora Joelma Gisele, sua companheira e atriz Giane Silvestre, e por último falou Laila Silvestre, filha da atriz. Em seguida foi feita a apresentação da oficina, enfatizando a necessidade de deixar de lado julgamentos e comparações.

Foram realizados exercícios de alongamento, de respiração, que auxiliam na conscientização corporal e promovem um estado de relaxamento; então foi realizada a dinâmica "o sol, a chuva, o mar, o chão", entoada como uma canção.

Posteriormente, Joelma abordou sobre interpretação, espaço cênico e comandos foram dados: “Todo mundo longe, perto pode não. Todos de mãos dadas um grande círculo então. Em duplas: mão no pé, mão na mão. Em trio: cadeira de balanço para um irmão. Todos juntos costas com costas, uma grande negação. Pula, rebola, senta no chão. Um abraço coletivo, nunca faz mal não.” Na Figura 14, é possível recuperar alguns momentos da Oficina:

Figura 14 – Exercícios teatrais



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Toda a oficina foi desenvolvida de forma coletiva, mas valorizando a expressão individual de cada um. Entre um momento e outro a atriz sempre chamava atenção fazendo associações correlacionadas com as situações da vida, oportunizando assim, aprendizagem e reflexões internas. Os participantes foram incentivados a expressarem suas emoções, explorando os sentimentos expressos pelo corpo, rosto e voz, como alegria, medo, raiva e tristeza. Ao final, Joelma perguntou se alguém gostaria de falar sobre sua experiência e como se sentiu representando aqueles sentimentos. Uma aluna disse: “eu representei a tristeza e não senti nada, fiquei normal, eu sou assim, hoje mesmo meu cachorro morreu e eu estou aqui, bem”. Nesse momento a aluna parou de falar, seus olhos se encheram de lágrimas, então a atriz disse: “você busca ser forte, busca resistir, se render também te faz forte”, a aluna riu e todos foram incentivados a abraçá-la coletivamente.

Prontamente, os alunos foram convidados a participar, no auditório, da apresentação de um trecho do espetáculo teatral *O Nó vira Laço* (Gisele, 2022), uma adaptação do livro *Nós* de Eva Furnari (2015), produzido pelas atrizes. Alguns alunos aceitaram e participaram, mesmo

com muita timidez. Os alunos do 7º ano C foram convidados, juntamente com os alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental I para assistirem à apresentação e, durante o espetáculo, interagiram ativamente com as protagonistas, tornando o momento ainda mais especial. Na Figura 15, fotos da apresentação no auditório:

Figura 15 – Participação dos alunos na encenação



Fonte: Acervo pessoal (2023)

A oficina explorou a potência do corpo como meio de comunicação e expressão artística, proporcionando, além de diversão e ludicidade, maior conhecimento sobre a arte da interpretação, experiência de autoexpressão e conexão uns com os outros.

Na aula seguinte, conversamos sobre a experiência vivenciada e os participantes disseram ter gostado da oficina, acharam a experiência legal, engraçada e boa, outros mencionaram sentir uma certa vergonha inicialmente. Uma aluna admitiu que não esperava gostar, mas considerou o momento superdivertido; outra compartilhou que a experiência foi interessante e imaginava que uma oficina teatral seria diferente, esperou aula teórica; também uma aluna mencionou que riu muito durante as atividades. Outro disse: “Achei diferente, dá hora, muito bom! Onde mais teríamos a chance de participar de algo tão único? Acho que nem

no próximo ano, no ensino médio”. Outro aluno mencionou que aprendeu sobre como funciona uma oficina de teatro e classificou a experiência como motivante. Quando perguntei a um aluno que optou por não interagir e permaneceu apenas observando, ele revelou que sentiu vontade de participar, mas ficou com vergonha.

Aqui observamos a interação proativa dos alunos e o envolvimento espontâneo que a atividade de teatro proporcionou, por meio da expressão corporal, voz e atuação de cada ser, lidando com si mesmo e reconhecendo as potências dos movimentos corpo e, ao mesmo tempo, o seu papel de ser e estar no mundo.

3.7 Produção de enredos narrativos **ETAPA VII**

Ao chegarem à sala, os alunos encontraram um baú com um laço amarelo e uma marcação no chão. (A troca pelo baú aconteceu devido ao tamanho da caixa que não cabia a gaiola). Uma aluna comentou: "Olha, um presente pra nós!" Outra perguntou se poderia abrir o baú para ver o que havia dentro. Retomei o assunto elementos da narrativa e chamei atenção para o “enredo” que havia gerado dúvidas na **ETAPA V**. Expliquei, mais uma vez, o que era o enredo e fizemos a leitura de três exemplos sobre as temáticas: "O poder da gentileza", "A vaidade do ser humano" e "O valor do perdão".

Depois disso, os alunos foram convidados a sentarem no chão; um aluno que havia machucado o pé permaneceu sentado na carteira, assim como alguns outros colegas; outro aluno abriu o baú e retirou gaiola, livro, lápis, borracha, celular, redoma pequena, rosa, latinha de bebida vazia, foto de uma raposa, pote de ouro, peça de roupa arrumada e bijuterias.

O primeiro elemento retirado do baú foi a gaiola, o que despertou curiosidade nos alunos para saber o que aquele objeto estava fazendo ali. À medida que os objetos eram retirados, os meninos faziam comentários. Alguns alunos pegaram nos objetos e tentaram usar as bijuterias, incluindo as coroas. Por fim, pedi ao aluno que distribuísse as tarjas com os valores e vícios: sabedoria, ignorância, beleza, vaidade, avareza, solidariedade, gentileza, coragem, perdão e paciência. Em seguida, buscando incentivar os alunos a pensar criticamente e fazer associações com suas próprias experiências, eu disse: "Vamos nos concentrar nos valores e vícios representados pelos objetos. O que eles podem nos ensinar sobre as consequências negativas de agir de maneira avarenta, vaidosa ou ignorante? E como podemos cultivar valores positivos, como gentileza, coragem e perdão, em nossas vidas?" Solicitei que eles colocassem os objetos próximos aos nomes correspondentes.

Duas meninas se levantaram e começaram a trocar os elementos de lugar. Os colegas concordavam ou discordavam e argumentavam. "Raposa não é solidariedade, é coragem, é preciso coragem para caçar", disse um aluno. Outro disse: "A Raposa do texto era sabida, então deveria estar em sabedoria." "Mas já temos o livro para representar isso...". A Rosa foi associada ao perdão. A gaiola gerou uma grande discussão e divergência, visto que alguns alunos criam pássaros presos em gaiolas e afirmaram que os pássaros não sofriam porque era o seu instinto natural ficarem presos. Várias meninas discordaram e começaram a contra-argumentar. Um aluno disse para outra: "Na sua casa tem passarinho." Ela respondeu: "Tinha, eu já soltei." E continuou: "Como você acha que se sentiria preso em uma sala, só recebendo comida e água?"

Em seguida, solicitei que os alunos se dividissem em três equipes para a construção de enredos narrativos sobre as mesmas temáticas dos exemplos lidos, anteriormente, em que possuíssem elementos fantásticos e regionais que dialogassem com *O Príncipe Gentileza*. Uma equipe resolveu se reunir no pátio da escola, enquanto as outras duas permaneceram na sala. No final, cada representante dos grupos leu o enredo construído e o entregou para mim, a fim de correção e orientação (Figuras 16 e 17):

Figura 16 – Discutindo valores



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 17 – Produção de enredos em equipes



Fonte: Acervo pessoal (2023)

O baú despertou a curiosidade e interesse do grupo, ação que está alinhada com o pensamento de Fiorindo e Wendell (2014) de que o espaço escolar deve despertar a curiosidade, imaginação e a participação ativa dos educandos. Através dessa atividade, os alunos puderam pensar criticamente, expressar suas opiniões e construir narrativas a partir de suas vivências pessoais.

As divergências e debates despertaram questionamentos relacionados à liberdade, ao tratamento dos animais bem como a busca excessiva pelos padrões de beleza, dentre outros. Aqui os alunos analisaram as diferentes ideias apresentadas, consideraram argumentos contrários e avaliaram criticamente suas próprias opiniões. E, conforme Antunes (2015), é por meio da expressão verbal e argumentação que os pensamentos são internalizados.

3.8 Construção do texto teatral **ETAPA VIII**

Iniciei essa etapa distribuindo as cópias do texto teatral *Uma Rosa é uma rosa* (Rabelo, 2007) e fizemos a leitura partilhada, depois conversamos sobre as características do texto teatral percebidas e fui fazendo as interferências no sentido de salientar as características do gênero. Também indaguei sobre as lições que aquele texto buscava transmitir e quais eram os aspectos importantes que eles haviam aprendido por meio daquela história.

Em seguida, vários alunos se prontificaram a realizar a leitura dramatizada, então dois grupos foram formados. Uma aluna saiu da sala e retornou trazendo duas vassouras, outra pediu emprestada as muletas do colega machucado para representar as vassouras citadas no início do texto. A leitura dramatizada e a utilização desses objetos mostram que os alunos buscaram usar a criatividade e ampliaram a compreensão das possibilidades expressivas. Na sequência, exibi através do datashow, a *Peça Gentileza - Oficina de Teatro* Karen Godoy (ver p. 43) e chamei atenção para a importância da iluminação, sonoplastia e música. Enquanto assistia, uma aluna comentou, “podemos usar uma cortina preta no palco para escurecer.” As Figuras 18 e 19 ilustram esses momentos:

Figura 18 – Leitura dramatizada



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 19 – Exibição de peça teatral



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Devolvi os enredos corrigidos para as equipes e orientei-os quanto aos devidos ajustes, também estimei para que pensassem sobre o espaço cênico, os adereços que iriam utilizar, o

figurino, os personagens de cada cena, se iriam usar alguma trilha sonora ou música específica e sobre qual mensagem eles queriam transmitir.

Depois reforcei sobre a composição das falas e necessidade das rubricas, ou seja, das indicações detalhadas sobre como as ações e os diálogos devem ser realizados em uma cena teatral. Foi então que distribui um roteiro (**APÊNDICE 2**) dividido em possíveis cenas com exemplos de falas e rubricas, baseadas nos enredos das três equipes para utilizar como exemplo na produção textual. Durante o processo em grupo, fui solicitada para tirar dúvidas, fazer orientações adicionais e os alunos puderam desenvolver a atividade, conforme evidenciado pelas Figuras 20 e 21:

Figura 20 – Leitura do roteiro



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Figura 21 – Produção teatral



Fonte: Acervo pessoal (2023)

De posse das produções dos alunos fiz a leitura dos textos, organizei em cenas fazendo alguns ajustes para melhorar a coerência, ações e falas; fiz a digitação e apresentei aos alunos para que eles analisassem, fizessem sugestões e terminassem algumas cenas que estavam sem conclusão, sugeri alterações para o final e solicitei o título. *A jornada da Princesa em busca de valores* foi o título escolhido por eles.

Passamos à divisão das equipes para a organização da apresentação final. O Grupo I ficou responsável para organizar os materiais para a iluminação, sonoplastia, música, som, microfones; o Grupo II pelo figurino; o Grupo III fez o cenário; o Grupo IV organizou o auditório, com auxílio das professoras de Artes, Suraide e de Ciências, JaneCleide.

Passamos então para a escolha dos alunos que iriam assumir os papéis das personagens da peça. Cada aluno escolheu seu papel, tivemos um pequeno impasse na escolha da personagem Bela, duas meninas quiseram a mesma personagem, depois de uma conversa uma

aluna cedeu e escolheu outra personagem. Para a surpresa de muitos, um aluno, conhecido pela escola por não gostar de estudar e ficar passeando pelos corredores, escolheu seu personagem e se prontificou em participar da apresentação. Na ausência desse, sinalizaram que ele poderia deixar o grupo “na mão”. Tivemos também que acrescentar mais duas personagens femininas, além de transformar o rei em rainha.

3.9 Ensaio **ETAPA IX**

Os alunos e a professora levaram para a escola materiais que possuíam em casa e que poderiam servir como figurino. Com isso os alunos puderam identificar e pensar em seu personagem entrando em seu universo, planejar ajustes para uma melhor caracterização, evidenciando suas inclinações artísticas, através das suas escolhas.

Foi um momento divertido e significativo que abriu e ampliou as perspectivas dos alunos. Uma aluna que tinha escolhido não participar como personagem, preferindo ficar auxiliando os colegas na maquiagem e arrumação, foi a primeira a encontrar um figurino e se vestir. Outra aluna procurou a professora e disse que suas falas estavam poucas e se poderia acrescentar. Uma outra perguntou se podia ser criado uma personagem para ela, pois também queria apresentar.

Esse exercício de escolha, criação do figurino e ensaio incentivou a criatividade, a sensibilidade estética e o respeito pelas escolhas individuais. Os alunos responsáveis pela iluminação também aproveitaram o momento para testar os aparelhos, conforme observamos na Figura 22:

Figura 22 – Escolha de figurinos, ensaios e arrumação do auditório

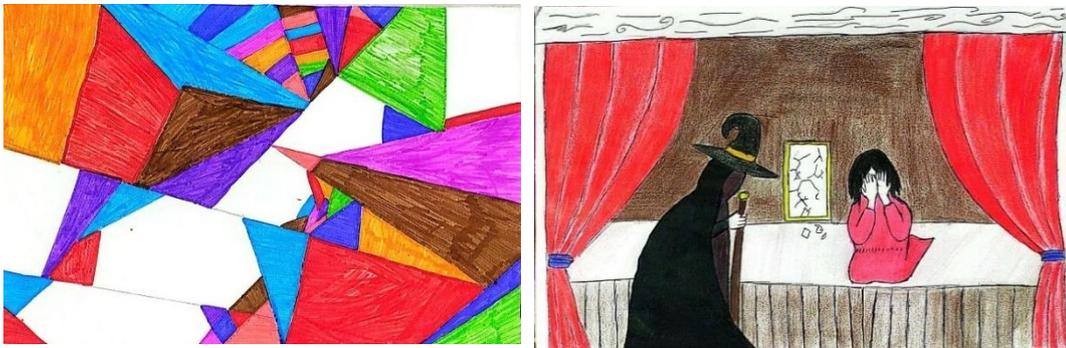




Fonte: Acervo pessoal (2023)

Finalizando essa Etapa, os alunos expressaram, por meio de desenho seus sentimentos em relação à atividade, como evidenciado na Figura 23:

Figura 23 – Alguns desenhos dos alunos



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Notavelmente, eles optaram por empregar cores vibrantes. Um deles escolheu representar a si mesmo atuando ao lado de uma jovem em uma das cenas, enquanto o outro escolheu uma forma mais abstrata, utilizando figuras geométricas.

Na sequência, conversamos sobre a apresentação final para realizarmos alguns ajustes, e eu os encorajei a convidarem os pais, parentes e amigos para prestigiarem as performances. Um aluno comentou que sua mãe demonstrou interesse em assistir à apresentação.

3.10 Apresentação teatral **ETAPA X**

Com a condução da maquiagem dos alunos pela professora Janecléide e a colaboração de alunas da turma, iniciamos essa fase final, como evidenciado na Figura 24:

Figura 24 – Maquiagem



Fonte: Acervo pessoal (2023)

A apresentação teve início com as palavras de boas-vindas à plateia proferidas por mim, professora, falando sobre o processo de construção da peça teatral, fazendo relação com o conto *Príncipe Gentileza* (Silva, 2023) e convidando os alunos a fazerem a leitura posteriormente dos exemplares disponíveis na biblioteca.

Fizemos duas apresentações distintas, convidamos inicialmente os alunos do Ensino Fundamental I, com a intenção de que os alunos atores se sentissem mais à vontade e confortáveis. A segunda sessão aconteceu com os alunos do 7º ano, outras turmas não foram convidadas por timidez e receio de vários alunos. Durante a preparação no auditório, alguns alunos de outras salas também ingressaram, o que desencadeou uma reação de desespero em uma aluna que externou sua relutância em se apresentar na presença de alunos de outras salas, felizmente foi convencida, acalmou-se e participou da segunda sessão.

A negativa desses alunos reflete a pouca familiaridade da comunidade local e escolar com a cultura teatral, o que pode ter acentuado a ansiedade e o desconforto dos alunos com receio de que os comentários pudessem ser negativos. Porém nenhum aluno se sentiu desconfortável ao circular pela escola com o figurino das personagens, durante o intervalo.

Após a performance, a plateia foi estimulada a externarem seus questionamentos e comentários. Um aluno do 5º ano disse que tinha gostado muito, que tudo estava lindo, que foi bem apresentado. Uma professora parabenizou os alunos e falou da importância do teatro na vida das pessoas. Outra docente também participou elucidando os valores presentes na encenação, salientando a importância deles no nosso cotidiano. Uma outra professora ressaltou o jogo de luzes em algumas cenas, parabenizando a todos pelo espetáculo. Eu, a professora, fiz os agradecimentos e passamos para a sessão de fotos com a participação de todos os presentes, conforme a Figura 25:

Figura 25 – Apresentação final



Fonte: Acervo pessoal (2023)

Na aula subsequente, os alunos fizeram a autoavaliação por escrito e sinalizaram que foi bom e divertido participar das atividades, disseram que estas foram interessantes e influenciaram positivamente em suas vidas, pois puderam pensar, reconhecer seus próprios valores e compreender melhor a importância de suas ações na vida em sociedade.

Uma aluna mencionou que, agora, consegue compreender o lado dos demais colegas da sala e que o projeto a ajudou a reconhecer valores como amizade, companheirismo e gentileza na turma; outros destacaram a responsabilidade que sentem em agir com gentileza para a convivência harmoniosa com as pessoas.

Outra aluna notou que estava sendo rude com seus próprios familiares e enfatizou que, inicialmente a turma estava desunida, no entanto, as discussões e atividades do projeto promoveram a união do grupo e, conseqüentemente, mais respeito e amizade. Todos revelaram que gostaram de participar do projeto e que dificilmente esquecerão a experiência que tiveram.

Lendo os textos dos alunos lembrei de uma entrevista da Escola Viva, na TV Cultura¹³, que entrevistou Paulo Freire sobre que tipo de escola o Brasil precisa, e ele responde “que é uma escola séria, rigorosa, mas que sugerisse aos alunos a felicidade, uma escola alegre e saltitante”. Observando a minha realidade, posso afirmar com propriedade que a maioria dos nossos alunos não têm prazer em frequentar a escola, eles chegam ao ponto de agradecer a Deus quando um professor falta em virtude de luto na família.

Porém ao longo da implementação dessa proposta pedagógica pude notar o interesse, a alegria que contagiava os colegas e a vibração de vários alunos em alguns momentos, sinalizando a potência de uma abordagem centrada no diálogo, na literatura e no teatro. A combinação desses elementos não apenas fomenta o aprendizado, mas também cultiva um ambiente onde o prazer de aprender pode florescer.

A fala de Paulo Freire ilumina nosso caminho e renova o propósito de transformar a escola em um espaço não apenas de ensino, mas de descobertas, criatividade e alegria, a fim de que os alunos anseiem pelas aulas futuras e dessa forma possam avançar no desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para a convivência em sociedade.

Antes do início da aplicação da intervenção, duas alunas, irmãs pediram transferência, pois iriam morar em outra localidade. Uma aluna grávida participou apenas das duas primeiras aulas, pois desistiu de frequentar à escola, um aluno começou a trabalhar em uma oficina e, por isso, transferiu-se para o noturno, participando apenas na primeira semana da aplicação do projeto. Outro aluno, por motivos pessoais, também foi transferido para o vespertino. No início do ano a turma era composta de 27 alunos, começamos a pesquisa com 25 alunos e concluímos com 23 alunos. Um ex-aluno da escola que tinha ido embora, retornou e foi matriculado na turma, já no final da aplicação da intervenção pedagógica.

¹³ Entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bwvHZJLfHYE> Acesso: 18. nov. 2023.

ATO FINAL

Ao findar o nosso trabalho, é impossível não refletir sobre a trajetória que percorremos ao nos dispor a proporcionar aos alunos vivências literárias dramatizadas, fundamentadas na narrativa inspiradora de *O Príncipe Gentileza* (Silva, 2023), realçando valores humanos, pois eles realizaram a leitura do conto, assistiram às dramatizações, fizeram exercícios teatrais e participaram ativamente da elaboração do texto teatral, ensaios, atuando como espectadores e protagonistas de seus papéis.

Pensar e refletir sobre valores, virtudes e vícios constituiu uma oportunidade para relembrarmos que os valores precisam fazer parte de nossa vida e é a prática deles que contribuirá para a harmonia social e, conseqüentemente, para o bem-estar em comunidade. Acreditamos que as sementes para o desenvolvimento do caráter foram plantadas e, dessa forma, incentivamos a prática de valores humanos por meio da literatura e do teatro.

A partir do diálogo interativo nas teatralizações, os alunos entraram em processo de reflexão, elaboração de argumentos, confrontação de opiniões, permitindo a produção dos textos escritos, pois sabiam o que dizer e as motivações para tal. Como a atividade foi em grupo, fomentou-se a cooperação entre os estudantes, visto que foi preciso ouvir as ideias uns dos outros, e, ao mesmo tempo, defender seus próprios pensamentos de maneira convincente, o que contribuiu para o desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico, da consciência artística além do refinamento da expressividade corporal e emocional, a partir da oficina teatral.

A experiência de apresentar para uma plateia ajudou no enfrentamento do medo, um passo importante na superação da timidez, na melhoria da autoconfiança, da autoestima que oportunizou para uma aluna a utilização de sua atuação como saída para ressignificar a situação de estresse, que enfrentou por questões familiares, aliviando sua carga emocional.

E assim concordamos com Reverbel (1979), quando enfatiza que ao propor ao aluno tarefas que estimulem a sua criatividade, o professor descobre a plenitude de sua expressão dramática natural, elemento essencial para o crescimento saudável e equilibrado da personalidade do sujeito.

Conforme Wendell (2011), quando há a incorporação do teatro como elemento essencial e constante na escola, essa passa a desempenhar um papel ampliado como centro de atividade cultural, e a produção cultural se volta tanto para a comunidade escolar quanto para o ambiente ao redor, promovendo a integração e o enriquecimento cultural da população local. Dessa forma, considerando a notável carência de expressões culturais em nosso meio

comunitário, é imprescindível que a escola expanda suas práticas pedagógicas, nutrindo criatividade e reflexão crítica nos alunos através do teatro e da literatura.

Diante do exposto, a literatura e o teatro possibilitam o desenvolvimento de uma visão mais crítica sobre a realidade do aprendiz, onde ele é capaz de gerenciar suas emoções, tornando suas ações mais humanizadas e coletivas. A forma sutil e complexa de como a literatura aborda temas sociais e éticos convida os leitores a analisarem e questionarem as estruturas sociais, as injustiças e os dilemas morais apresentados, incentivando reflexões sobre o mundo real.

Durante esse processo passamos também por momentos desafiadores, a forma como a carga horária de aula é distribuída, 50 minutos, configura-se como um obstáculo para o trabalho com o teatro, principalmente quando a escola não possui um espaço próprio de encenações para o professor utilizar em sua disciplina, no entanto, isso não inviabilizou a possibilidade de enfatizar o teatro e a literatura de maneira significativa.

A busca por novas práticas pedagógicas deve ser uma jornada contínua, uma vez que estamos inseridos em uma sociedade em constante transformação - o que impede que esse processo alcance um ponto final. Nossa pretensão é que esta pesquisa possa inspirar colegas educadores a reexaminarem suas abordagens, concebendo atividades distintas, as quais integrem o teatro e a literatura contextualizada com elementos regionais, pois estes são recursos educacionais valiosos, que enriquecem a formação intelectual e socioemocional dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo, Martins; Brasília-INL, 1972.
- ANTUNES, Celso. *Inteligência existencial e prática de valores no lar e na escola*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. *O ensino da literatura*. São Paulo: FTD, 1966.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FIORINDO, Priscila Peixinho. *Ler e escrever...* Jornal A Tarde Salvador. p. A7, 03/07/2015.
- FIORINDO, Priscila Peixinho. *Em torno da narrativa / narração: a proposta revisitada do modelo laboviano de narrativa oral*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística: Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15122005-141613/pt-br.php>>. Acesso em 05. nov. 2022.
- FIORINDO, Priscila Peixinho e WENDELL, Ney. *Dinamizando a leitura na escola: espaços e teatralizações*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2023.
- FIORINDO, Priscila Peixinho e WENDELL, Ney. Teatralizando a literatura: ludicidade com afeto e criatividade em sala de aula. *Revista Pandora Brasil*, Edição Nº 85 - Agosto de 2017 - ISSN 2175-3318 <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/passaporte_85/priscila.pdf>. Acesso em 23. nov.2022.
- FIORINDO, Priscila Peixinho e WENDELL, Ney. Literatura infantil em cena: o teatro como estratégia pedagógica. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 5, p. 113-129, jul. / dez. 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/14057/12460>>. Acesso em 08. set. 2022.

- FRANÇOIS, Frédéric. *Crianças e narrativas: maneiras de sentir, maneiras de dizer*. Tradução Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Humanitas, 2009.
- GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- GARDNER, Howard. *Arte, mente e cérebro*. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- GRANERO, Vic Vieira. *Como usar o teatro na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2022.
- GUÉNOUN, Denis. *O teatro é necessário?* Tradução Fátima Saadi. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- IANCOSKI, Jessica. A lenda do Baobá - Folclore Africano I Imbondeiro Angola. *Precisamos contar história*. Curitiba, 8 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ogjSwDom2mY>> Acesso em 15. jul. 2022.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*, São Paulo: Contexto, 2012.
- MACEDO, José Osmar Rios. Cordelizando as aulas de literatura infantil e juvenil... In Ensino de literatura: o passaporte para um mundo de possibilidades. Organização Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo. *Revista Pandora Brasil, edição 85* ISSN 2175-3318, agosto de 2017. Disponível em <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/passaporte_85/jose.pdf>. Acesso em 22.02.2023.
- MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MASLOW, Abraham Harold. *Introdução à psicologia do ser*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, 1970.
- MONTEIRO, Mário Feijó Borges. *Permanência e mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura*. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=8555@1>>. Acesso em 24. nov.2022.
- NETO, João Evangelista do Nascimento. João Grilo: pícaro do nordeste, justiceiro do sertão. *Nau Literária, [S. l.]*, v. 9, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/43373>>. Acesso em: 2 mar. 2023.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; CAVALCANTE, Magalhães. *Texto e ensino*. Natal: SEDIS-UFRN, 2018.
- PEDRO, Ana Paula. *Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum*. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100512X2014000200002>>. Acesso em 15. nov. 2022.

- RABELO, Gabriela. *O jovem lê e faz teatro*. São Paulo: Mercuryo jovem, 2007.
- REVERBEL, Olga. *Teatro na sala de aula*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- ROCHA, Ruth. *Bom dia todas as cores*. São Paulo: Salamandra, 2013.
- ROGERS, Carl. *Tornar-se pessoa*. Tradução Manoel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SAINT-EXUPÉRY, Antonie de. *O Pequeno Príncipe*. Tradução Frei Betto. São Paulo: Geração Editorial, 2015.
- SILVA, Cristiane Rosa Moreira. *O Príncipe Gentileza*. Salvador, BA: Usina de textos, 2023.
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto alegre: Artes médicas, 1998.
- TORRALBA, Francesc. *O valor de ter valores*. Tradução Camila Bogéa. Petrópolis: Vozes, 2015.
- VASSALO, Márcio. *A professora encantadora*. Belo Horizonte: Abacate, 2010.
- WEIL, Pierre; LELOUP, Jean Yves e CREMA, Roberto. *Normose: a patologia da normalidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.
- WENDELL, Ney. *A mediação teatral na formação de público: O projeto Cuida Bem de Mim na Bahia e as experiências Artístico-pedagógicas nas instituições culturais do Québec*. 2011. Tese de Doutorado em Artes Cênicas, Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia. <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/9436>>. Acesso em 15. jul. 2022.
- WENDELL, Ney. *Cuida bem de mim: teatro, afeto e violência nas escolas*. Ilhéus, BA: Editus, 2009.
- WENDELL, Ney. *Praticando a gentileza na sala de aula*. Recife: Prazer de Ler, 2012.

APÊNDICE 1 – GENTILEZA E A RAPOSA

Produção baseada no conto *O Príncipe Gentileza*

Personagens:

NARRADORA
PRÍNCIPE GENTILEZA
RAPOSA
CAMPONÊS
ALUNO A
ALUNO B
ALUNO C

Cenário I – Sala de aula

Cenário II – Pátio da escola

NARRADORA: De volta ao Planeta Terra, a poucos quilômetros de Paraíso, o Príncipe Gentileza viu uma árvore repleta de frutos redondos pequenos, alguns amarelos outros verdes. Se tratava de um umbuzeiro, parou então para saboreá-los. Foi então que apareceu a raposa.

RAPOSA: Bom-dia

PRÍNCIPE GENTILEZA: Bom-dia. Vem brincar comigo, preciso de um amigo pra conversar.

RAPOSA: Eu não posso brincar com você. Você não me cativou ainda.

PRÍNCIPE GENTILEZA: Ah! Desculpa! ... O que quer dizer CATIVAR?

RAPOSA: É uma coisa muito esquecida, significa “criar laços”. Para mim, você ainda é um jovem igual a tantos outros. E pra você, eu não passo de uma raposa igual a tantas outras raposas. Mas, se você me cativa, eu serei importante pra você. Será para mim único no mundo. E eu serei para você única no mundo.

PRÍNCIPE GENTILEZA: Começo a compreender. Será que Rosa me cativou?...

RAPOSA: É possível. Sabe, minha vida é sem graça. Eu caço galinhas e as pessoas tentam me pegar. Todas as galinhas são muito parecidas e todos os homens também. E por isso eu fico chateada, às vezes. Mas se você me cativa, minha vida será iluminada. Amarei o barulho dos seus passos. Os outros passos me farão fugir, mas o seu me chamará para um dia feliz. Por favor, cativa-me.

PRÍNCIPE GENTILEZA: Acho que não tenho muito tempo, tô indo conhecer gente nova e fazer amigos.

RAPOSA: Olha, a gente só conhece bem as coisas que cativa. As pessoas não têm mais tempo. Compram tudo nas lojas e assim elas não têm mais amigos, porque não existem lojas de amigos. Se você quer um amigo, me cativa!

PRÍNCIPE GENTILEZA: O que eu preciso fazer?

RAPOSA: É preciso ser paciente. Primeiro você vai se sentar um pouco longe de mim, assim, e eu vou te olhar com o canto do olho e você não dirá nada. E, cada dia que você vier se sentará mais perto...

NARRADORA: Assim o Príncipe Gentileza cativou a Raposa. Mas, então, chegou a hora da partida, e os dois tiveram que se despedir.

RAPOSA: Você precisa visitar sua Rosa. Ela é única no mundo!

PRÍNCIPE GENTILEZA: Sim, ela é única, porque me cativou!

RAPOSA: Adeus, amigo!

PRÍNCIPE GENTILEZA: Adeus!
(*Os dois começam a andar em direção opostas*)

RAPOSA: Ei, espere, tenho um segredo para você. É muito simples: “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.”

PRÍNCIPE GENTILEZA: Sim, “o essencial é invisível aos olhos”.

RAPOSA: Foi o tempo que você perdeu com a sua amiga que a fez tão importante. Os homens já não lembram mais disso, mas você não deve esquecer. “Você se torna eternamente responsável por aquilo que cativa.” Você é responsável pela Rosa!

PRÍNCIPE GENTILEZA: Eu sou responsável por todos aqueles que eu cativo.

RAPOSA: Vá por aquele caminho e encontrará a comunidade Paraíso

NARRADORA: Venham alunos, vamos observar o que vai acontecer, venham comigo!
(*Todos seguem o Príncipe que deve sair para o pátio, esperar todos chegarem o Príncipe diz pensando alto*)

PRÍNCIPE GENTILEZA: Que Raposa interessante, cheia de conhecimento, inteligência e sabedoria! (*Encontra um homem com a enxada nas costas*)

PRÍNCIPE GENTILEZA: Senhor, bom-dia! Ei, senhor, bom-dia!

CAMPONÊS: Bom-dia. (*O homem responde apressadamente e continua andando*).
Aparecem várias outras pessoas, (alunos da sala) Gentileza, tenta conversar, mas ninguém fala com ele. O Homem do Campo volta e conversa com o Príncipe)

CAMPONÊS: Vi que você não é daqui. Percebi que precisa conversar com alguém. Eu trabalho nas plantações, a vida está muito corrida, todos procuram o dinheiro, por isso andam sempre ocupados e estão se esquecendo de ser gentis com as outras.

PRÍNCIPE GENTILEZA: Você tem razão, a gentileza não deve ser esquecida. O simples ato de ouvir alguém pode fazer muita diferença para essa pessoa.

CAMPONÊS: Agora preciso ir, o trabalho me espera.

PRÍNCIPE GENTILEZA: *(Senta-se no banco, olha para o céu)* Que sol lindo, sinto falta de Rosa e da Baobá Sabedoria.

De repente começa a aparecer crianças de todos os lados, com bolsa nas costas e livros na mão.

PRÍNCIPE GENTILEZA: Bom-dia! Aonde você vai?

ALUNO A: Oi, bom-dia! Estou indo ao Colégio. Vem com a gente estudar.

ALUNA B: Quem é ele? *(passa rindo e debochando do Príncipe)*

ALUNO C: Ele parece um Zé ruela *(comenta com outro)*

ALUNO B: Que roupa esquisita a sua!!!

ALUNO A: Ele fala engraçado!

Os alunos congelam e Gentileza fala fazendo uma pequena reflexão sobre o bullying.

PRÍNCIPE GENTILEZA: Alunos do Elvira, eu não sei se vocês perceberam, mas eu acabei de sofrer *bullying* por parte de alguns colegas, esse tipo comportamento de agredir verbalmente ou fisicamente pode causar sérios danos ao outro e nunca deveria acontecer, principalmente em um ambiente escolar. Pense antes de falar ou agir de maneira prejudicial, tente se colocar no lugar do outro, cultive a amizade, o respeito. Toda pessoa tem o direito de ser respeitada e valorizada e cada um de nós podemos fazer isso. Voltem para sala e reflitam em suas ações. Adeus alunos!

Os alunos descongelam e todos votam para a sala de aula, onde a professora narrará a história inteira “O Príncipe Gentileza”.

APÊNDICE 2 – ROTEIRO UNINDO OS TRÊS ENREDOS

Roteiro com exemplos de cenas, falas e rubricas, baseado nos enredos escritos pelas equipes.

CENA 1- A falta de sabedoria

(No palco, quatro cidadãos discutindo e a princesa observando tudo com tristeza.)

NARRADOR: Em uma pequena cidade conhecida pela falta de sabedoria, vivia uma princesa de coração puro.

PRINCESA: *(triste)* Vejo que minha cidade está repleta de falta de generosidade, perdão e bondade. Preciso encontrar uma solução.

CENA 2- A Jornada

(A princesa embarca em uma jornada para buscar respostas, antes de partir, encontra um antigo livro de sua mãe.)

PRINCESA: *(animada)* Talvez esse livro tenha as respostas que estou procurando!

(Em sua jornada, ela encontra personagens sábios que se juntam a ela para quebrar a maldição da falta de gentileza.)

CENA 3- Encontro da princesa com o príncipe:

(Ao longo da jornada, a princesa encontra um príncipe amoroso.)

PRÍNCIPE: *(gentil)* Olá, nobre princesa, sou o príncipe José, sei que você está em uma jornada. Posso te acompanhar?

PRINCESA: É claro. Sua presença é bem-vinda.

CENA 4- Beleza superficial

(A princesa continua sua jornada e conhece uma adolescente chamada Eliza, que está obcecada pela aparência.)

ELIZA: *(preocupada)* Preciso ser igual às meninas do *Instagram*! Tenho que fazer cirurgias para ficar perfeita.

(Depois de fazer várias cirurgias, percebe que está ficando cada vez mais feia, infeliz começa a entrar em depressão.)

CENA 5- Reino de Severino

(O príncipe e a princesa chegam a um reino rígido e conhece o Rei Severino.)

REI SEVERINO: Preciso de um príncipe para me ajudar a governar, mas não quero ninguém fraco.

PRÍNCIPE: Acredito que o amor e o perdão são as forças que o Rei precisa.

(O príncipe ensina ao Rei o valor do perdão e do amor.)

CENA 6- A volta para casa

(Ao final da jornada, a princesa retorna para sua cidade e encontra Marta, que está à beira da loucura por conta dos problemas da cidade.)

PRINCESA: Marta, entendo sua dor, mas eu quero te dizer que encontrei uma forma de ajudar a transformar nossa cidade, venha conosco!

CENA 7- O grande final

(O príncipe e a princesa espalham gentileza e perdão por toda a cidade.)

NARRADOR: E assim, a gentileza e o perdão salvam o reino. A princesa ensinou sua cidade a valorizar a gentileza, a bondade, o perdão e todos começaram a semear amor e paz na cidade.

(Final com todos os personagens unidos, celebrando as mudanças.)

APÊNDICE 3 – TEXTO TEATRAL

A JORNADA DA PRINCESA EM BUSCA DE VALORES

[Produção textual que nasceu dos enredos construídos pelas equipes]

CENÁRIOS:

Cena 1- O reino da princesa

Cena 2- Palco

Cena 3- Trono da Rainha Severina

Cena 4- Um espelho, revistas de moda e fotos

Cena 5- O reino da Princesa

PERSONAGENS:

Narrador

Princesa

Mago

Fada

Príncipe

Rainha das Emoções

Guardião dos Valores Perdidos

Rainha da Natureza

Rainha Severina

Bela (Vaidosa)

Cidadão 1

Cidadão 2

Cidadão 3

Iluminação

Som

Maquiagem

Mudança de cenário

Cortinas

CENA 1: *(No palco, quatro cidadãos discutindo e a princesa observando tudo com tristeza.)*

NARRADOR: Em um reino conhecido pela falta de sabedoria e gentileza, vivia uma Princesa, que tinha o coração puro.

PRINCESA: *(triste)* Vejo que em meu reino falta generosidade, perdão, gentileza e bondade. Preciso encontrar uma solução para salvar meu povo dessa maldição.

PRINCESA: Mago, Mago, preciso de sua ajuda, rápido!

MAGO: Do que Vossa Majestade precisa?

PRINCESA: Esse reino está cada vez mais insensível, as pessoas não se amam, não existe amizade, a gentileza deixou de existir. Preciso de sua ajuda! Você tem ideia do que podemos fazer?

MAGO: *(Cara de pensativo)* Acho que aqui tem um livro que pode ajudar!

PRINCESA: *(Toda contente)* Ah, que ótimo!

NARRADOR: O Mago e a princesa passaram a tarde lendo o livro, mas nada encontraram, então ela decide partir em busca de solução para os problemas do reino.

(A Princesa desce do palco e caminha pelo corredor, as cortinas se fecham, as luzes se apagam e um instrumental começa a tocar.

Cena 2

(A música para e a Princesa anda em direção ao palco, enquanto anda o narrador fala)

NARRADOR: Em sua jornada, a Princesa encontra personagens sábios que contribuem para quebrar a maldição da falta de gentileza e perdão do reino.

PRINCESA: *(subindo no palco)* Licença, você pode me ajudar?

FADA: *(sorridente)* Oi, do que você precisa?

PRINCESA: Eu acho que estou perdida, preciso encontrar respostas e não sei em que direção seguir.

FADA: Existe um reino aqui perto que pode te ajudar. Mas o caminho até lá é muito perigoso e você não pode ir sozinha.

PRINCESA: Então venha comigo!

FADA: Claro!

(Entra no palco o Príncipe)

PRÍNCIPE: Olá Princesa, soube pelo meu mago que você está precisando de ajuda para solucionar um problema no seu reino. Vim para te acompanhar.

PRINCESA: *(feliz)* É claro, sua bondade será valiosa.

FADA: Agora que você encontrou o Príncipe não estará mais só. Adeus Princesa, foi um prazer conhecê-la.

PRINCESA: Mas você pode continuar conosco!

(A fada some e aparece a Rainha das Emoções pela porta do fundo do auditório)

RAINHA DAS EMOÇÕES: Princesa, vim te dizer que as emoções são poderosas, o poder das emoções é um presente valioso que carregamos dentro de nós. Não temas sentir, pois é através das emoções que compreendemos a nós mesmos e aos outros. Aprenda a aceitar suas alegrias, tristezas, medos e esperanças, pois são elas que moldam quem você é. Lembre-se sempre de que você é forte e capaz de transformar seus sentimentos em força e sabedoria.

PRINCESA: Venha comigo, preciso ajudar meu reino, seus ensinamentos, com certeza, vão nos ajudar.

RAINHA DAS EMOÇÕES: *(segurando as mãos da princesa)* Meus poderes estão dentro de você, dessa forma eu estou sempre contigo.

(Surge, no corredor, o Guardião dos Valores Perdidos e chama a princesa)

GUARDIÃO DOS VALORES PERDIDOS: Princesa!

PRINCESA: Quem é você?

GUARDIÃO DOS VALORES PERDIDOS: Sou o guardião dos valores perdidos e vim para te lembrar que os seus valores devem guiar seu coração: a bondade, a honestidade e a compaixão vão te ajudar a encontrar as soluções para os teus problemas. Mantenha-se fiel a seus valores, pois eles são a luz que afasta a escuridão da ignorância. Leve essa mensagem também para as pessoas do seu reino.

(Surge a Rainha da Natureza e chama a princesa)

RAINHA DA NATUREZA: Princesa!

PRINCESA: Oi, você é a Rainha da Natureza? Já ouvi falar muito sobre você.

RAINHA DA NATUREZA: Sei que você precisa de ajuda. Nossas árvores e criaturas compartilham de uma conexão profunda com todos os seres vivos. Aprenda com as folhas que caem e os rios que fluem, pois a mudança é parte da vida. Respeite e preserve a fauna e flora, pois é através desse equilíbrio que a harmonia prevalece.

PRINCESA: Suas palavras são sábias, Rainha da Natureza. Prometo que levarei essa mensagem ao coração do meu povo.

RAINHA DA NATUREZA: Princesa, nutra o amor e o respeito pela natureza em seus súditos, quando a conexão entre a humanidade e o mundo natural é fortalecida, todos se fortalecem.

PRINCESA: Muito obrigada por seu conselho. Irei honrar essa missão com todo o meu ser.

RAINHA DA NATUREZA: Vá, Princesa, e que suas ações inspirem outros a protegerem e amarem a natureza. Estou indo ao Reino de Severina, vocês podem vim comigo.

PRINCESA: Sim, claro, vamos!

(As cortinas se fecham, as luzes se apagam e toca uma melodia)

Cena 3

NARRADOR: Na jornada em busca pela quebra da maldição da falta de gentileza, a Princesa e o Príncipe chegam ao reino da Rainha Severina e presenciam uma conversa entre a Rainha Severina e a Rainha da Natureza

(Abrem-se as cortinas. A Rainha está sentada em seu trono)

RAINHA DA NATUREZA: *(com serenidade)* majestade, preciso de ajuda para levar amor e paz a todos.

RAINHA SEVERINA: *(gritando)* então você veio ao lugar errado. No meu reino não há amor nem paz. Tudo mudou desde a morte do meu filho. Eu odeio todas as pessoas desse reino, eles não salvaram o meu filho.

RAINHA DA NATUREZA: *(com humildade)* Acredito que o amor e o perdão têm um poder transformador, majestade. Só eles podem trazer a paz de volta ao seu coração.

PRÍNCIPE: *(gentilmente)* Antes de governar um reino, devemos aprender a governar nossas emoções. O perdão é a chave para nos libertar do peso do passado.

RAINHA SEVERINA: *(serena)* Eu já perdoei muitos, mas nunca consegui perdoar a morte de meu filho.

RAINHA DA NATUREZA: *(empática)* Perder um ente querido é uma dor imensa, mas o perdão não nega a dor, ele nos liberta dela. O perdão permite que possamos seguir em frente.

RAINHA SEVERINA: *(tocado)* E como posso perdoar algo tão trágico?

RAINHA DA NATUREZA: *(com compaixão)* Comece com um passo de cada vez, majestade. Permita-se sentir a dor, mas também abra espaço em seu coração para perdoar. O amor e o perdão caminham juntos.

RAINHA SEVERINA. Eu... Eu farei uma tentativa, mas preciso que ele se case comigo, *(aponta para o príncipe)*.

PRÍNCIPE: Não. Eu não posso me casar com você.

RAINHA SEVERINA: *(com raiva)* Nãoooooo? Como não? Como ousa me dizer que não?

PRÍNCIPE: Não posso porque o amor é uma escolha, não uma necessidade e você também não tem necessidade de mim.

RAINHA SEVERINA: Saiam daqui antes que eu mande prender vocês!

(As cortinas se fecham, as luzes se apagam e toca uma melodia)

Cena 4

NARRADOR: E a saga da Princesa continua, em sua jornada encontra Bela, uma jovem obcecada pela beleza. Ela vive comparando sua aparência com as imagens das redes sociais.

(Abrem-se as cortinas. No palco, Bela está cercada por revistas de moda, fotos de influenciadoras no Instagram e um espelho.)

BELA: *(ansiosa, olhando para as fotos)* Preciso ser igual a elas... Preciso ficar perfeita para ser aceita e admirada por todos. *(vai até o espelho)* Mas eu estou ficando mais feia a cada dia, eu não aguento mais ser assim.

(Senta e começa a chorar, entra a princesa)

PRINCESA: *(com empatia)* Olá, moça triste. Posso lhe fazer companhia? Qual é o seu nome?

BELA: *(com tristeza)* Eu me chamo Bela. Quem é você? Por que alguém como você está falando comigo?

PRINCESA: Sou apenas alguém que busca compreender os sentimentos das pessoas. Por que está tão triste?

BELA: *(abaixando a cabeça)* Tentei mudar quem sou... mas parece que só piorei tudo. Eu... eu só queria ser aceita, fiz várias cirurgias, mas agora me sinto ainda pior.

PRINCESA: *(gentil)* Você já é linda do jeito que é.

BELA: É mentira! Eu não sou linda!

PRINCESA: Entenda que a beleza verdadeira não é encontrada em cirurgias ou em imagens perfeitas. Ela vem de dentro, do coração.

BELA: *(insegura)* Mas o mundo lá fora é tão cruel. As pessoas julgam pela aparência.

PRINCESA: *(sorrindo)* É verdade, mas também há pessoas boas que valorizam a essência. A gentileza, a sabedoria e o perdão são virtudes que conquistam corações.

(Bela começa a chorar, e a princesa segura as suas mãos)

PRINCESA: Você só precisa ser você mesma e mais ninguém!

(Aparece o mago)

BELA: Senhor Mago, você pode fazer minha aparência voltar como era antes das cirurgias?

MAGO: Claro, posso reverter essa situação. *(Apagam-se as luzes e logo retorna)*

BELA: Muito obrigada, gente, agora posso enxergar minha verdadeira beleza.

(As cortinas se fecham, as luzes se apagam e toca uma melodia)

Cena 5

NARRADOR: Depois de conhecer todos esses personagens, a Princesa retorna para seu reino e a situação continua do mesmo jeito.

(As pessoas estão agindo de forma rude e desagradável, assim como visto no início da peça. A princesa está no centro do palco, observando a situação.)

PRINCESA: *(com compaixão)* Vejam como as pessoas deste reino estão carentes de gentileza e compreensão, por isso a falta de bondade.

PRÍNCIPE: Sim, é hora de mostrarmos a elas o poder da gentileza e do perdão.

TODOS: *(Princesa, Fada, Mago e Príncipe)* Sim, vamos!

FADA: *(calmamente)* Com licença, senhor. Você sabia que a gentileza pode mudar vidas?

Cidadão 1: *(surpreso)* O que você quer dizer?

FADA: *(sorrindo)* Um simples ato de gentileza pode trazer luz ao dia de alguém. Vamos tentar?

Acendem-se as luzes do auditório e do palco e um instrumental alegre começa a tocar (Todas as personagens aparecem e começam a demonstrar, afeto pela plateia, abraçando, dando uma palavra de incentivo.)

PRINCESA: *(emocionada)* Vejam como a gentileza e o perdão têm o poder de transformar corações e vidas!

PRÍNCIPE: *(sorrindo)* Sim, quando deixamos de lado nossas desavenças e nos abrimos para a compreensão, criamos um mundo melhor para todos.

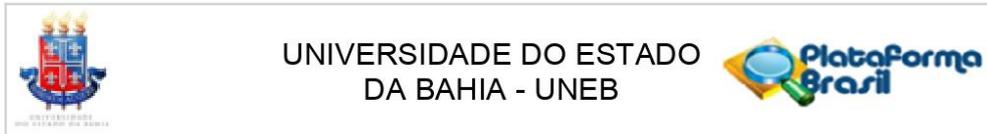
(Príncipe e Princesa, falando juntos) A magia da gentileza brilha em nós, trazendo paz e amor ao nosso redor. Unidos, seremos um reino de compaixão, onde a bondade é a nossa canção.

NARRADOR: E assim, o reino se transformou em um lugar de harmonia e compreensão, onde a gentileza e o perdão abriram caminho para um futuro melhor.

(As personagens voltam ao palco e para finalizar se juntam de mãos dadas e fazem uma reverência.)

(Alunos do 9º ano A)

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA LEITURA E ESCRITA

Pesquisador: CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65530722.4.0000.0057

Instituição Proponente: Departamento de Ciências Humanas - Campus V Santo Antônio de Jesus

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.832.000

Apresentação do Projeto:

Título da pesquisa: O teatro como ferramenta pedagógica para leitura e escrita

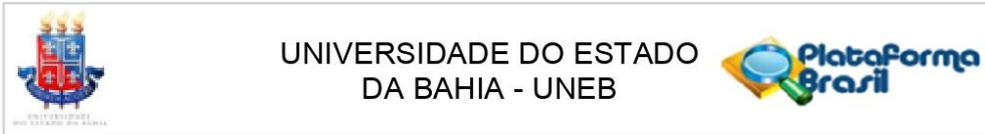
Pesquisador: Cristiane Rosa Moreira Silva

APRESENTAÇÃO DO PROJETO:

Consta no documento: "Informações básicas do projeto",

Resumo: Esta pesquisa-ação busca proporcionar ao aluno vivências literárias dramatizadas, a partir de narrativa curta, enfatizando valores e virtudes. Tendo como objetivos específicos incentivar a prática de valores humanos pelos alunos por meio da literatura e do teatro; produzir narrativas intertextuais para serem teatralizadas pelos alunos; contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, da consciência artística e do refinamento da expressividade corporal e emocional. Assim, apresentamos a proposta de intervenção pedagógica que visa envolver o aluno na reflexão a respeito de valores e vícios humanos, através das artes: literatura e teatro, a fim de estimular à leitura, à escrita e a performance do corpo em cena. Dessa forma, poder contribuir para formação de sujeitos críticos, engajados socialmente na realização de projetos coletivos. O aporte teórico que sustenta a proposta está centrado nos seguintes autores: Boal (2005), Fiorindo e Wendell (2014), Wendel (2011) que tratam a respeito do teatro; Coelho (1966) (2000) abordando o ensino de literatura; Ostrower (1990), Rogers (2009) que trazem a criatividade e o processo de criação; Kleiman (2002), Solé (1998) Koch e Elias (2008), (2012), Fiorindo (2015) tratando sobre a

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.832.000

Cronograma de Execução

Entrega e defesa pública: 01/12/2023 31/12/2023

Tratamento dos dados 30/05/2023 30/07/2023

Dissertação conclusão ajustes 01/08/2023 20/11/2023

Exame de qualificação 01/03/2023 30/04/2023

Elaboração da dissertação 21/11/2022 25/02/2023

submissão do projeto ao CEP 21/11/2022 30/11/2022

Aplicação do projeto 06/03/2023 29/05/2023

Embora as datas do final da submissão ao CEP esteja pretérita à aprovação, consta também no documento “Informações básicas do projeto” que a pesquisa só começará após a aprovação do projeto pelo CEP. Analisa-se que a pesquisadora acreditava que o projeto seria aprovado antes.

O cronograma não fere os princípios da eticidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

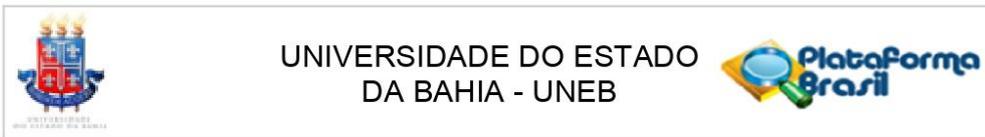
Na perspectiva da eticidade, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: O documento não fere os princípios da eticidade.
- 2 – Termo de confidencialidade: O termo de confidencialidade não fere os princípios da eticidade.
- 3 – A autorização institucional da proponente: O termo de autorização institucional não fere os princípios da eticidade.
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: A autorização da instituição coparticipante não fere os princípios da eticidade.
- 5 - Folha de rosto: A folha de rosto não fere os princípios da eticidade.
- 6 – Modelo do TCLE: O modelo do TCLE não fere os princípios da eticidade.
- 7 – Modelo do Assentimento: O termo de assentimento não fere os princípios da eticidade.
- 8 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: A declaração não fere os princípios da eticidade.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.832.000

contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise consideramos que o projeto encontra se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

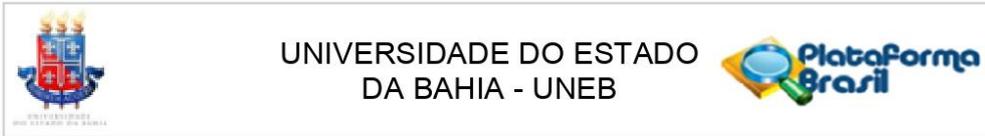
Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2044872.pdf	21/11/2022 13:39:02		Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodecompromissodapesquisadora.pdf	18/11/2022 23:02:20	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaodeinstituicaoadacoparticipante.pdf	18/11/2022 22:58:40	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeassentimentodomenor.pdf	18/11/2022 22:57:22	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEREponsavelpelomenor.pdf	18/11/2022 22:56:29	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentolivre esclarecido.pdf	18/11/2022 22:56:00	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termodeconfidencialidade.pdf	18/11/2022 14:43:05	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
Declaração de	termodeautorizacaoproponente.pdf	18/11/2022	CRISTIANE ROSA	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 5.832.000

Instituição e Infraestrutura	ternodeautorizaçãoproponente.pdf	14:39:13	MOREIRA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetodepesquisadetalhado.pdf	18/11/2022 07:13:57	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	18/11/2022 06:42:12	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	declaracaodeconcordancia.pdf	18/11/2022 06:39:48	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	18/11/2022 06:20:58	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	18/11/2022 06:16:30	CRISTIANE ROSA MOREIRA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 21 de Dezembro de 2022

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

ANEXO 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

(Responsáveis Legais dos Alunos do 9º Ano A, matutino, do Colégio Elvira da Costa Pinto Dias Pires)

Eu, abaixo-assinado, na qualidade de responsável legal pelo(a) aluno(a) do 9º ano A, declaro estar plenamente ciente e concordo com o uso da imagem do(a) meu(minha) filho(a) pela professora pesquisadora Cristiane Rosa Moreira Silva, discente do Programa de Mestrado (PROFLETRAS) da Universidade Estadual da Bahia (UNEB) de Santo Antônio de Jesus, Campus V, para fins de pesquisa na área de educação, sob o título "O TEATRO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA LEITURA E ESCRITA".

Compreendo e concordo que as imagens capturadas poderão ser utilizadas em relatórios acadêmicos, apresentações, publicações científicas ou outros meios de divulgação relacionados à pesquisa. Reconheço que essa utilização tem como objetivo contribuir para a disseminação do conhecimento e aprimorar a qualidade do ensino, promovendo a compreensão e a valorização do uso do teatro como ferramenta pedagógica para leitura e escrita.

Local e data: _____

Assinaturas dos responsáveis legais: Zoraide Gomes Pereira

Janielde Ferreira

Agnaide de Sousa

Adelaide Santos da Silva

Edson Almeida A. Rufino

Mary Vitória Araújo Rodrigues

Claudinei Dias Vieira

Agelaine Pereira Gomes

William H Oliveira Santos

Lourenço do BS de Sousa

Ingrid Gomes Ferreira

Cristina Jesus dos Reis

Luzinete Santos de Souza

Talira Santos Silva

Gilvane Gomes de Araújo

Ana Paula Ferreira Gomes

Edilene Francisca de Jesus da Silva

Edisvan Oliveira Gomes Mendes

Thiziane de Jesus

Kesia Rodrigues da Silva

ANEXO 3 – NARRATIVA *O PRÍNCIPE GENTILEZA*

<https://drive.google.com/file/d/16a9N8lrTdkAuRPH2U9jtXFDtqMMAMG1P/view?usp=sharing>

Arquivo em PDF, segurar a tecla ctrl e clicar no *link* para abrir!

Cristiane Rosa Moreira Silva

Ilustração: Ana França

O Príncipe Gentileza

1ª EDIÇÃO

Bahia | Brasil
2023

Copyright© 2022 Cristiane Rosa Moreira Silva

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por nenhuma forma e nenhum meio, seja mecânico, eletrônico ou qualquer outro, sem autorização prévia escrita da autora e da ilustradora.

Texto: Cristiane Rosa Moreira Silva¹

Revisão: Prof.ª Dr.ª Priscila Peixinho Fiorindo

Ilustração: Ana França

Projeto Gráfico e Diagramação: Caixa Criativa | acaixacriativa@gmail.com

1ª Edição, 2023

Editora: Usina de Textos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Carla Lopez Ferreira (Bibliotecária CRB1-2960)

11463b

SILVA, Cristiane Rosa Moreira.
O príncipe gentileza / Ilustrações de Ana França - 1. ed. - Salvador, BA: Usina de textos, 2023.
24 p. ; il. col. ; 20x20cm.

ISBN 9786599862045

1. Literatura brasileira: infanto-juvenil I. França, Ana II. Título.

CDU 82-9
CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático
Literatura brasileira: infante 82-9
Literatura brasileira: infanto-juvenil 028.5

¹ Discente do Programa de pós-graduação (PROFLETRAS) pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus V - Santo Antônio de Jesus. Narrativa construída para a proposta de intervenção pedagógica, orientada pela Prof.ª. Dr.ª Priscila Peixinho Fiorindo.



Este livro pertence a:

O Grande Universo é formado por bilhões de Galáxias, uma delas é conhecida como Via-Láctea, onde fica o Sistema Solar, endereço do Planeta Terra, um lugar excepcional. Lá o dia é iluminado e aquecido pelo Sol, a noite é banhada pelo brilho da Lua e das estrelas. Na primavera a Terra enche-se de flores, no outono há frutos de todas as cores, o verão é pura emoção e o inverno prepara a vida para a próxima estação. É habitado por seres animados e inanimados.

4



A Baobá no Planeta Terra

Nesse Planeta há muitos países, dentre eles o Brasil, localizado na América do Sul. E lá na região Nordeste, especificamente, na Bahia em Capim Grosso e Jacobina vive um povo alegre, lutador e cheio de simpatia. Nessa mesma região há uma comunidade denominada Paraíso, região de muitos bichos, de árvores de todos os tipos, de milhares de pessoas, cada uma com sua beleza, exuberância e seu modo diferente de ser. Foi ali onde nasceu o Príncipe Gentileza, amigo da Rosa do Planeta B612 e da Baobá. Deixe-me contar como tudo começou.

O primeiro astro sem luz própria que surgiu foi o Planeta Terra. No jardim do Paraíso, o Criador plantou a primeira árvore, a Baobá para viver mais de 6 mil anos e assim acumular muita sabedoria para ajudar o ser humano.

Ela vivia tranquila e feliz até perceber a existência de diferentes árvores no jardim e, se comparando com as outras, começou a se achar desengonçada. Ficou confusa, não conseguia mais sentir a brisa suave dos ventos nem o pôr do sol que ela gostava tanto de contemplar e a vida deixou de ter sentido. Passou a reclamar de tudo e de todos.

O Criador sentia a sua tristeza, ouvia atentamente suas reclamações e explicava:

– Baobá, eu te criei para ser sábia, para que veja mais longe e por isso você é tão alta. O seu tronco é assim para guardar todo o conhecimento construído pelo ser humano. Eu criei cada uma das árvores com uma finalidade: a diversidade é o segredo da vida!

6



O Criador explicava, explicava, mas a Baobá não entendia. Então resolveu virá-la de cabeça para baixo a fim de que a seiva do seu corpo fluísse mais rápido e ela pudesse pensar com o coração.

Ao entardecer o Criador retornou a Paraíso. A árvore anciã foi logo dizendo:

– Eu sou grande desse jeito porque sou um pilar – o pilar do mundo. Sou forte e resistente, consigo absorver todas as experiências boas ou ruins por isso sou como sou e tenho minhas individualidades. Eu compreendo a minha importância!

E seu Criador diz:

– Eu sabia que isso ia acontecer! Então agora já posso te desvirar!

E Baobá reage:

– Não, não, não faça isso! Eu quero ficar dessa forma pois consigo ouvir melhor as pessoas! Deixe-me assim, serei a conexão entre os homens e o céu!

O Criador, então, atendeu ao pedido da árvore anciã e depois levou uma semente da Baobá, conhecida por Sabedoria, para o Planeta B612, a segunda criação depois do Planeta Terra.



Rosa do Planeta B612

Curioso para conhecer o Planeta B612, o Príncipe Gentileza viaja para lá, onde morava outro Príncipe que não estava, assim explicou Sabedoria que havia crescido no novo Planeta. Gentileza resolveu ficar para cuidar do Planeta. Lá as flores desabrochavam pela manhã e à noite murchavam. Mas um dia ali nasceu uma espécie diferente, era vermelha tal qual uma pimenta malagueta, seu aroma perfumou todo o Planeta, era linda, exuberante, todavia... desabrochou já reclamando que o vento era forte, embaralhava as suas pétalas, fazia murchar seus espinhos, se sentia desprotegida, isolada, sozinha na vida, por isso pediu que colocassem nela uma redoma para protegê-la.

O Príncipe Gentileza e a Sabedoria tentavam ajudar dizendo:

– Você é símbolo do amor, nasceu com um propósito! Nesses momentos Rosa ficava mais vermelha ainda, o mau humor nunca melhorava e seus espinhos só sabiam machucar:

– Ai que saco, vocês só sabem falar. Parem, não quero ouvir ninguém! Era uma Rosa de temperamento difícil! Viveu assim até o dia em que Gentileza anunciou que ia fazer outra viagem.

Na manhã de sua viagem, Gentileza levantou muito cedo para organizar o Planeta. Quando regou a Rosa, percebeu que ela estava chorando e dizendo:

– Não quero dizer adeus, fui uma tola, peço perdão! Você sabe que te amo! Tire de mim essa redoma, não preciso mais dela. "É preciso que eu suporte duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas." Vá, quero que seja feliz.

O Príncipe Gentileza também se emocionou, gostava de admirá-la e sentir o seu perfume, mas não ficou surpreso pois sabia que apesar do seu jeito rude ela era cheia de ternura.



De volta ao Planeta Terra

Avarento

Após dois dias de viagem, avistou os morros, serras e cachoeiras de sua cidade.

– Estou muito cansado pare ali por favor, disse o Príncipe Gentileza para o Gavião transportador.

Quando colocou os pés no chão, abaixou-se e beijou a Terra em sinal de gratidão e amizade. Logo ouviu uma voz dizendo:

– Você chegou em Jacobina, sou Rei Avarento e sou dono dessa cidade. O que você estava cavando? Como ousa cavar em minhas terras? Aqui tem ouro, manganês e esmeralda, sou dono de tudo, o que você encontrar aqui é meu! Que cara é essa, menino?

E o Príncipe responde: – Já estou indo, preciso chegar em Paraíso!

– Não vá fique aqui, farei de você o juiz mais importante da cidade! Você vai trabalhar no Fórum Jorge Calmon, as margens do Rio do Ouro. Do seu escritório poderá contemplar o encontro das águas do Ouro com as do Rio Itapicuru-mirim.

Gentileza pensa e diz:

– Não quero julgar ninguém!

E Avarento continua:

– Então você será juiz de si mesmo, não será fácil mas necessário!

Gentileza cansado diz:

– Estou com fome. Vossa majestade poderia me arrumar um pouco de comida?

– Sim, feijão, arroz, frango caipira, tudo com leite de licuri e para sobremesa picolé de licuri. Mas só arrumo se você me prometer que vai ficar!

O Príncipe Gentileza hesitou um pouco, deu um suspiro e partiu refletindo.

Depois daquele triste episódio, sentiu vontade de ir a Capim Grosso rever alguns amigos.



Capitão Vaidoso

Chegou em Capim Grosso, eixo rodoviário mais importante da Bahia, cidade da ostentação... lá o Príncipe Gentileza encontrou uma figura muito exuberante, o Capitão Vaidoso, que inicia o diálogo:

– Se aproxime vamos conversar!

E Gentileza diz:

– Bom-dia, seu chapéu é engraçado.

– Chapéu de palha, costurado com fio de ouro. Com ele me destaco. Sabia que sou o maior fazendeiro da região? Você viu meu carro novo? Lançamento do ano, só existem dois na Bahia! Gostou do meu relógio? É todo de cristal. Exclusividade, ninguém tem igual. Em minhas redes sociais, tenho milhões de seguidores.

– Pra que tanta riqueza? Perguntou o Príncipe Gentileza.

Vaidoso não ouviu. Os vaidosos só escutam elogios.

– Sou um homem de negócios, ando sempre ocupado. Aqui o comércio é o mais pujante da região, temos capim em abundância. Segundo o governo, é a cidade que mais cresce no interior da Bahia. Trabalhar e consumir, eis o nosso lema! Não podemos perder tempo, tá faltando tempo, precisamos expandir o tempo! Como você usa o seu tempo? Vá, vá, estou sem tempo!

O Príncipe Gentileza achou melhor seguir em frente, foi andando e refletindo: – O ser humano decididamente é meio maluco, para tentar preencher o vazio interior busca atenção e elogios. Sem falar da guerra entre o ser e o parecer. Ainda não entendem que “o essencial é invisível aos olhos”.



O Bêbado

Ainda em Capim Grosso, depois da praça da feira livre, o Príncipe Gentileza encontrou um homem sentado sozinho em uma mesa de bar, em volta dele havia muitas garrafas, umas vazias e outras cheias. O Príncipe Gentileza se aproximou e perguntou:

– O que o senhor faz aí?
– Bebo pra esquecer!
– Esquecer o quê?
– Esquecer a vergonha que sinto de beber, confessou o bêbado abaixando a cabeça e se fechando em completo silêncio.

Essa cena deixou o Príncipe muito triste que refletiu em voz alta:

– Ele pensa que o vício eliminará os seus problemas? Sua atenção está na vergonha e não na força que possui para superar os problemas. Os adultos são mesmo muito estranhos. Subiu em seu transporte e seguiu rumo a Paraíso.



A Raposa

A poucos quilômetros de Paraíso, o Príncipe Gentileza viu uma árvore repleta de frutos redondos pequenos, alguns amarelos outros verdes. Se tratava de um umbuzeiro, parou então para saboreá-los.

E uma voz distante dizia:

– É pequeno no tamanho mas não se engane pois tem grande valor nutricional, rico em cálcio, fósforo e ferro, ajuda no fortalecimento da imunidade; além disso é fonte de renda dos moradores da comunidade.

O Príncipe Gentileza ouviu atentamente e disse:

– Bom-dia! Muito obrigado! Onde você está? Vem brincar comigo!

– Estou aqui em cima do pé de umbu, escondida, eu sou a Raposa, talvez você tenha medo de mim. Não posso brincar contigo pois você ainda não me cativou.

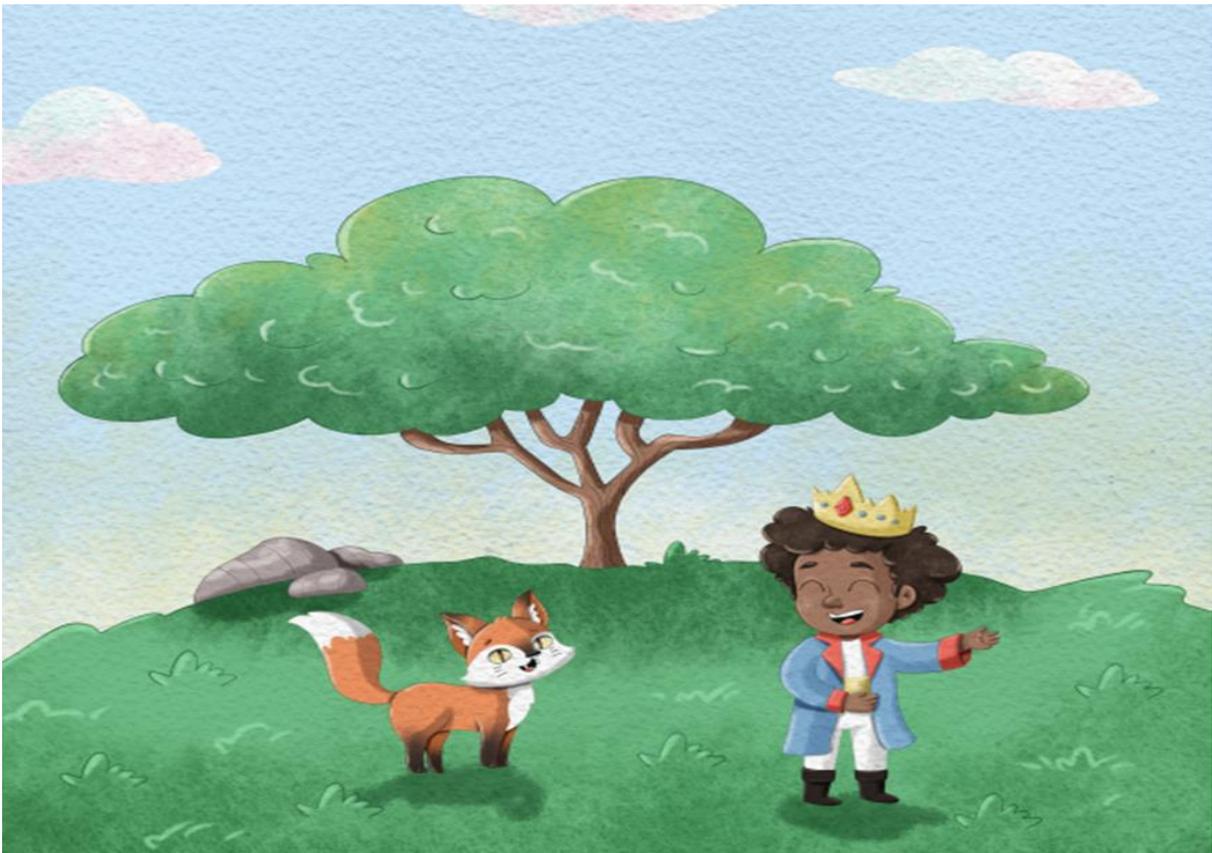
– O que quer dizer cativar?

A Raposa diz:

– É uma coisa muito esquecida, significa “criar laços”.

– Você, para mim, é como milhares de outros meninos que já conheci, e eu sou para você como cem mil raposas, ou seja, uma raposa qualquer. Agora se você me cativar, se criarmos laços de amizade, seremos especiais um para o outro. Amanhã você sentirá vontade de me encontrar, “se você vem, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz.” Tudo tem o momento certo de acontecer. Quando você partir, vou chorar de saudade, isso não é ruim, deixa eu te contar um segredo:

– “Só se vê bem com o coração”, enquanto eu existir você estará sempre comigo. Vá por aquele caminho e encontrará a comunidade Paraíso.



A Escola em Paraíso

O Príncipe Gentileza saiu pensando:

– Que Raposa interessante, cheia de conhecimento, inteligência e sabedoria!

Ainda estava pensando, quando encontrou um homem grande com uma enxada nas costas.

– Senhor, bom-dia! Ei, senhor, bom-dia!

– O homem respondeu apressadamente e continuou andando.

Apareceram várias outras pessoas mas ninguém falou com ele. Pareciam que não o conheciam. Então ele sentou-se no banco da praça da feira, olhou para o céu e viu o sol, sentiu falta da Rosa e da Baobá. De repente começaram a aparecer crianças de todos os lados, com bolsa nas costas e livros na mão.

– Oi, bom-dia! Estão indo ao Colégio Elvira da Costa Pinto Dias Pires?

– Sim, vem com a gente estudar, falou uma garotinha.

O Príncipe pensou que teria um dia feliz mas as crianças riram da sua roupa, da sua forma de falar, disseram que ele parecia um “zé ruela”, debocharam da sua tristeza. Esses meninos viviam brigando e na hora da aula só queriam ficar no celular. Mas depois de um tempo todos se tornaram amigos de Gentileza.



Segunda viagem ao Planeta B612

Um dia o Príncipe Gentileza olhou para o céu e todas as estrelas sorriam para ele, dentre elas havia uma estrela cadente, sentiu ele um arrepio, piscou os olhos e notou que algo estava diferente, lembrou-se da Rosa e disse – estaria ela em perigo? Chamou o Gavião e partiu para o Planeta B612.

Ao chegar em seu destino, abraçou a Baobá e olhou em direção à Rosa, encontrou apenas uma velha casca abandonada e a Baobá diz:

– Ela já não está aqui, cumpriu sua missão! Elas nascem, exalam perfume e beleza, nos fazem pensar que são eternas, mas logo depois são transformadas em estrelas cadentes para lembrar ao mundo da brevidade da vida!

Desde então, todas as noites, antes do sono noturno, o Príncipe Gentileza contempla o céu esperando o breve aceno da estrela cadente. Assim, nunca se esquece: é o tempo que dedicamos ao outro que o torna importante.





Cristiane Rosa é natural de Jacobina, professora de Língua Portuguesa da rede Municipal de Jacobina e da rede Estadual da Bahia. Mestranda do Programa de pós-graduação PROFLETRAS da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus V – Santo Antônio de Jesus - BA. Esta narrativa foi construída para a aplicação da proposta de intervenção pedagógica no referido curso de pós-graduação, orientada pela Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo.

Graduada em Letras com habilitação em Francês, sempre apaixonada por literatura, poesia e artes visuais, descobriu na maternidade o incrível mundo dos livros infantis com suas lindas ilustrações. Durante a pandemia conheceu a arte digital e viu ali a chance de mudar de profissão e finalmente seguir um sonho de infância: ser artista. Atualmente ilustra livros para crianças e compartilha sua vida e arte no *Instagram*. Para se conectar com Ana e a conhecer melhor, acesse no *Instagram*: @anafranca.ilustra



A **Usina de Textos** surgiu com a proposta de levar literatura para diversos lugares do Brasil, seja apoiando autores iniciantes ou já reconhecidos, seja realizando ações de publicação coletiva. Conheça nossos livros!

ANEXO 4 – TEXTO TEATRAL: *UMA ROSA É UMA ROSA*¹⁴

Uma Rosa é uma rosa

[Fantasia que nasceu da cantiga *O cravo brigou com a rosa*]

Personagens

REI

PRINCESA ROSA

PRINCESA DÁLIA

PRINCIPE JASMIM

PRINCIPE CRAVO

FADA

DUAS EMPREGADAS

Cenário

Salão de festas do palácio real

Cena 1

Duas empregadas estão varrendo o salão, limpando as cadeiras, os eventuais móveis que houver no cenário.

EMPREGADA 1 – Mas você limpou isto aqui igual seu nariz, hein?

EMPREGADA 2 – Igual meu nariz mesmo: está limpo de verdade, ó! *(Ela vira o rosto para trás, tentando fazer com que a outra olhe dentro de seu nariz.)*

EMPREGADA 1 – Hum, você fez igual à princesinha Rosa. Ela que anda assim, *(imita o andar da princesa)* com o nariz todo empinado, parecendo que quer olhar o mundo de cima.

EMPREGADA 2 – *(rindo)* É mesmo. Não sei como ela ainda não passou por aqui chamando o pai dela. *(Imita)* Paaaaaiiiiiiiii!!!!!! Não sei como o coitado do rei aguenta. Ô menininha rabu...

Ela é cortada pela voz de Rosa, fora de cena.

ROSA – Paaaaaiiiiiiiii!!!!!!

EMPREGADA 1 – Pssssiiuuu. Vamos mudar de assunto. *(Começa a cantarolar, junto com a empregada 2.)* “Como é bom limpar, limpar, limpar, limpar... Deixar tudo limpinho a brilhar, brilhar, brilhar...”

ROSA – Será que dava pra vocês pararem de esganiçar um pouco e me dizer onde é que está meu pai?

EMPREGADA 1 – mas olha quem está aí! É a nossa doce princesinha!...

¹⁴ RABELO, Gabriela. *O jovem lê e faz teatro*. São Paulo: Mercuryo jovem, 2007

ROSA – O quê Meu vestido é do mesmo modelo que o seu?

DÁLIA – É. A gente podia entrar juntas no salão, no dia da festa. O que você acha?

ROSA – Pai, eu não falei que não queria vestido nem ao menos parecido com o de qualquer pessoa? Como é que você manda fazer o meu igual ao dessa pamonha?

REI– Desculpe, filhinha, deve ter sido um erro de costureira. Eu falei pra ela...

ROSA – (*cortando pai*) Pois despeça essa costureira e contrate outra.

DÁLIA – Não despeça não, papai, porque meu vestido está lindo. E pamonha, Rosa, é a ...

REI – (*cortando*) Dália!... (*Para Rosa*) Não se preocupe, filhinha, prometo que vou despedi a costureira.

ROSA – Acho bom mesmo. E pode ir desistindo, viu, Maria Pamonha, que ninguém vai entrar no salão comigo. Quero entrar sozinha. E já mandei que fizessem uma cadeira pra mim toda forrada de seda e que vai ficar bem afastada das cadeiras das outras pessoas. Na noite de minha festa – como em todos os dias de minha vida, aliás – quero brilhar sozinha. Vou ser a rainha da festa... e também a rainha deste palácio...

REI – É claro, filhinha, é claro.

DÁLIA – Pai, o senhor precisa mandar essa menina tomar jeito. Antipatia tem limite...

ROSA – E que é antipática, ô resto de gente?

DÁLIA – Resto, eu?

ROSA – É, eu sou uma gente, a filha mais velha. Você é o que veio depois, o resto...

DÁLIA – Puxa, Rosa. Você me deixa tonta: não sei se fico triste ou se fico com raiva. Nós somos irmãs, poderíamos ser amigas...

Rosa dá uma risada e sai. Dália olha para o pai que, impotente diante da situação, só suspira...

DÁLIA – Pai, a Rosa com essa caretice toda vai acabar se danando.

REI – Dália, minha filha, isso é linguagem de princesa? Caretice... se danando...

DÁLIA – Puxa, pai a situação desse jeito, nesse nó cego, e o senhor vem me falar de linguagem?...

Ela olha pro pai com tristeza. O pai tenta abraça-la, mas Dália se esquiva, e sai. Desolado, o pai sai em outra direção. Ouve-se uma música triste durante um ligeiro espaço de tempo. Aos poucos, ela se transforma numa música alegre.[...] aumenta o volume, anunciando o início do baile.

[...]

Cena 3

Entram todos os personagens da cena: o príncipe Jasmim, o príncipe Cravo, o rei, Dália... Podem ainda entrar diversos casais que ficarão dançando, conversando, enquanto corre a cena. Por último, entra Rosa, super-altiva, dirige-se para sua cadeira e se senta. Em mímica,

e sempre tendo ao fundo a música alegre (que pode ser uma valsa, minueto, ou coisa assim), vê-se que o príncipe Jasmim vai tirá-la pra dançar, mas ela o repele com desprezo. O príncipe Cravo assiste a tudo isso e desiste de convidar a princesa Rosa para uma dança. Enquanto isso a princesa Dália dança com todos e é gentil com eles. Finalmente, o príncipe Jasmim puxa o príncipe Cravo para a frente da cena, só que à direita.

JASMIM – Como é linda a princesa Rosa! ... Você não acha, príncipe Cravo?

CRAVO – (irônico) Por que não vai dançar com ela?

JASMIM – Eu tentei. Mas mal tinha me aproximado e dois guardas apareceram e me disseram que era proibido chegar perto da princesa.

CRAVO – Pois eu nem tentei. Ela me olhou com uma cara que nem me atrevi a chegar perto dela...

JASMIM – Então vamos deixá-la de lado e procurar quem nos queira. Há outras moças na festa, se não tão bonitas, muito mais simpáticas e amáveis. Veja aquela ali. (*Aponta Dália que está dançando com alguém.*) Vou tirá-la pra dançar, depois.

CRAVO – Só se for depois de mim, porque eu já estou na fila.

Dália para de dançar e os dois aproveitam pra se aproximar dela. Novamente uma cena em que a música e os gestos dos personagens dizem tudo. Aos poucos, sempre dançando, ou conversando e rindo, todos vão se juntando num canto do palco, deixando Rosa na outra extremidade, absolutamente só.

ROSA – Nem parece que o aniversário é meu. Todo mundo dançando e eu aqui, sozinha!... Queria que alguém me chamasse pra dançar... Por que ninguém quer saber de mim?

De repente, no fundo do palco acontece um clarão. E de onde se fez essa luz surge uma fada. Só Rosa a vê.

FADA – O que foi que você perguntou, Rosa?

ROSA – Quem é você?

FADA – Sou sua fada-madrinha. Há tempos quero conversar com você...

ROSA – Uma fada-madrinha (*Brava*) E por que só agora apareceu?

FADA – Porque, para que eu aparecesse, era preciso que você sentisse necessidade de alguém. Mas você sempre foi tão orgulhosa... Nunca precisava de ninguém pra ser feliz, não é?

ROSA – É verdade. Mas agora eu queria estar lá com os outros, dançando, com eles...

FADA – E por que não vai até lá e diz isso pra eles?

ROSA – Nunca me rebaixar a esse ponto?

FADA – Rosa!...

ROSA – O que eu queria é que as pessoas voltassem a me admirar, a prestar atenção em mim...

FADA – Isso é fácil. Como sua madrinha posso satisfazer seu desejo.

ROSA – E quero que eles gostem de mim.

FADA – Ah, isso já não é mais comigo. O amor das pessoas você mesma vai ter que conquistar.

A fada faz um gesto, e todas as pessoas que estavam agrupadas num canto do palco se espalham trazendo em suas mãos uma enorme quantidade de flores, fazendo com que o palco se transforme num grande jardim. Todos cantarão usando a música de O cravo brigou com a rosa com base da canção. Deverá haver uma coreografia que deixe claro que a Rosa ficará sozinha se não mudar de atitude.

FADA – Escute, linda princesa,
aprenda bem essa lição,
beleza não põe a mesa,
quem a põe é o coração.

ROSA – De todas essas florzinhas,
a mais bonita sou eu,
não há cor que é como a minha,
nenhum olor como o meu.

JASMIM – Cheguei perto de você
mas você me escorraçou.
Agora quero distância.
amigo seu eu não sou.

CRAVO – Você foi ruim comigo,
e também me maltratou,
debaixo de uma sacada
você a mim machucou.

DÁLIA – Minha querida irmã
prepare o seu caminho.
Nós todos queremos dar
a você amor e carinho.

ROSA – (*vendo que eles estão longe dela*)
Amigos, peço perdão
por ter feito malvadeza.
Meti os pés pelas mãos
só dando valor à beleza.

TODOS – Gente que se quer bem,
não usa à toa os espinhos.
Não vale a pena essa vida
se for pra viver sozinho.

Todos se dão as mãos fazendo uma grande ciranda.